

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC)
REDE FEDERAL DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL, CIENTÍFICA E
TECNOLÓGICA (RFEPCT)
CENTRO DE REFERÊNCIA EM FORMAÇÃO E EAD DO INSTITUTO FEDERAL
DE SANTA CATARINA (CERFEAD/IFSC CÂMPUS FLORIANÓPOLIS)
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA EM REDE NACIONAL (PROFEPT)**

KAROLINE GONÇALVES NAZÁRIO

**EDUCAÇÃO PROFISSIONAL INCLUSIVA: O *PODCAST* COMO RECURSO
EDUCACIONAL E DISSEMINAÇÃO DE PRÁTICAS INCLUSIVAS**

Florianópolis

2022

KAROLINE GONÇALVES NAZÁRIO

**EDUCAÇÃO PROFISSIONAL INCLUSIVA: O *PODCAST* COMO RECURSO
EDUCACIONAL E DISSEMINAÇÃO DE PRÁTICAS INCLUSIVAS**

Dissertação apresentada ao Centro de Referência em Formação e EaD (CERFEAD) do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) – Câmpus Florianópolis, como pré-requisito para o desenvolvimento da dissertação do Curso de Pós-Graduação *stricto sensu* Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional.

Orientador: Prof. Dr. Douglas Paulesky Juliani.

Florianópolis/SC

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor.

NAZÁRIO, KAROLINE GONÇALVES

EDUCAÇÃO PROFISSIONAL INCLUSIVA: O PODCAST COMO RECURSO EDUCACIONAL E DISSEMINAÇÃO DE PRÁTICAS INCLUSIVAS / KAROLINE GONÇALVES NAZÁRIO; orientação de Douglas Paulesky Juliani. - Florianópolis, SC, 2022.
108 p.

Dissertação (Mestrado) - Instituto Federal de Santa Catarina, Câmpus Florianópolis. Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (ProfEPT). Departamento Acadêmico de Linguagem, Tecnologia, Educação e Ciência.
Inclui Referências.

1. Práticas Educacionais Inclusivas. 2. Educação Profissional e Tecnológica. 3. Recursos educacionais abertos. 4. Podcast. I. Paulesky Juliani, Douglas . II. Instituto Federal de Santa Catarina. III. EDUCAÇÃO PROFISSIONAL INCLUSIVA: O PODCAST COMO RECURSO EDUCACIONAL E DISSEMINAÇÃO DE PRÁTICAS INCLUSIVAS.

KAROLINE GONÇALVES NAZÁRIO

**EDUCAÇÃO PROFISSIONAL INCLUSIVA: O PODCAST COMO RECURSO
EDUCACIONAL E DISSEMINAÇÃO DE PRÁTICAS INCLUSIVAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), do Instituto Federal de Santa Catarina – Câmpus Florianópolis, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica.

Aprovada em 24 de agosto de 2022.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Douglas Paulesky Juliani
Instituto Federal de Santa Catarina - Orientador

Prof. Dra. Marizete Bortolanza Spessatto
Instituto Federal de Santa Catarina

Profa. Dra. Ivani Cristina Voos
Instituto Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. Giovani Mendonça Lunardi
Universidade Federal de Santa Catarina

KAROLINE GONÇALVES NAZÁRIO

Caçadores de Inclusão: *podcast* sobre práticas educacionais inclusivas

Produto Educacional apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), do Instituto Federal de Santa Catarina – Câmpus Florianópolis, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica.

Aprovado e validado em 24 de agosto de 2022.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Douglas Paulesky Juliani
Instituto Federal de Santa Catarina - Orientador

Prof. Dra. Marizete Bortolanza Spessatto
Instituto Federal de Santa Catarina

Profa. Dra. Ivani Cristina Voos
Instituto Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. Giovani Mendonça Lunardi
Universidade Federal de Santa Catarina

Este trabalho é dedicado para todas as pessoas que se empenham em promover a
inclusão por meio da educação profissional, científica e tecnológica.

AGRADECIMENTOS

Agradeço pela trajetória e o crescimento que o mestrado me proporcionou. Quando do início no programa havia uma mistura de expectativas, preocupações, definições e indefinições. A turma começava a se integrar e as aulas eram cada vez mais atrativas. Porém, veio uma mudança de cidade e a pandemia de Covid-19, o que mudou o cenário drasticamente. O que no início se apresentava como algo que logo passaria, perdurou por dois anos, e nesse caminho as expectativas e prazos foram se modificando. Em razão desse percurso, que também serviu para aprendizado, sou grata por perceber que as coisas frequentemente não estão sob nosso controle e acontecem quando devem, no seu próprio tempo.

Agradeço ao Douglas Paulesky Juliani, por ter aceitado me orientar, pela compreensão quando foi necessário, pelo seu direcionamento, pelo apoio neste trabalho e pelos ensinamentos sobre práticas educacionais inclusivas.

Agradeço ao empenho e dedicação dos discentes extensionistas, que foram meus bolsistas no projeto de extensão que viabilizou a execução deste produto educacional.

Finalmente, agradeço à banca examinadora, Ivani Cristina Voos, Marizete Bortolanza Spessatto, Giovani Lunardi e incluo também a Elaine Cristina Pamplona Seiffert, por terem me ensinado tanto sobre educação inclusiva e em como o tema desta pesquisa abriu novos horizontes para projetos de pesquisa e extensão, grupo de pesquisa, entre outros no Câmpus Araranguá do Instituto Federal de Santa Catarina.

“Como as aves, as pessoas são diferentes em seus voos, mas iguais no direito de voar”. (Judite Hertal)

RESUMO

Esta pesquisa buscou fortalecer, disseminar e estimular a perspectiva inclusiva na Educação Profissional e Tecnológica (EPT), sensibilizando a comunidade acadêmica a respeito da importância da docência na perspectiva da educação inclusiva. Para tanto, foi desenvolvida uma série de *podcasts* elaborados por meio de projeto de extensão, utilizando como base as práticas inclusivas que envolveram três câmpus do IFSC que mais desenvolveram ações inclusivas entre 2017 e 2019, sendo os câmpus elencados: Araranguá, Gaspar e Xanxerê. Como base para coleta dos relatos das ações utilizou-se a Plataforma de Práticas Inclusivas (praticasinclusivas.com.br), a fim de compilar as práticas para a produção dos *podcasts*. Realizaram-se entrevistas com os servidores do IFSC, alunos e a comunidade externa que participaram dos projetos nos câmpus selecionados. As entrevistas compõem uma série de *podcasts* intitulada Caçadores de Inclusão, que possuem roteiro prévio, produção e edição, bem como estão disponibilizadas em plataformas de *streaming*. Para a avaliação deste produto educacional, realizou-se a aplicação de um questionário semiestruturado online com educadores da EPT, que analisaram o conteúdo, a aparência, a funcionalidade e a aplicabilidade dos *podcasts*. Os resultados indicaram que a série de *podcasts* pode ser explorada como ferramenta para compartilhamento de práticas inclusivas, contribuindo com a promoção de práticas educacionais na perspectiva inclusiva.

Palavras-chave: Práticas Educacionais Inclusivas. Educação Profissional e Tecnológica. Recursos educacionais abertos. *Podcast*.

ABSTRACT

This research aimed to strengthen, disseminate and encourage the inclusive approach in Vocational and Technological Education (EPT), raising the academic community awareness about the importance of teaching in the perspective of inclusive education. To this end, a series of podcasts was developed through an extension project, based on the inclusive practices that involved three IFSC campuses that most developed inclusive actions between 2017 and 2019, among them: Araranguá, Gaspar and Xanxerê campuses. As a basis for collecting the reports of the actions, the Inclusive Practices Platform (praticasinclusivas.com.br) was used to compile the practices for the production of podcasts. Interviews were carried out with IFSC employees, students and the community who participated in the projects in the selected campuses. The interviews make up the series of podcasts, entitled Hunters of Inclusion, which have a previous script, production and editing and are available on streaming platforms. For the evaluation of this educational product, an online semi-structured questionnaire was applied with Professional and Technological Education (EPT) educators who analyzed the content, appearance, functionality and applicability of the podcasts. The results indicated that the podcast series can be explored as a tool for sharing inclusive practices and contribute to the promotion of educational practices from an inclusive perspective.

Keywords: Inclusive Educational Practices. Open Educational Resources. Professional and Technological Education. Podcast.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Caracterização da pesquisa	40
Figura 2 - Procedimentos metodológicos utilizados em acordo com os objetivos específicos	44
Figura 3 - Equipe do projeto de extensão	50
Figura 4 - Edição dos <i>podcasts</i>	53
Figura 5 - Página do Instagram	54
Figura 6 - Logomarca do projeto de extensão	55
Figura 7 - Entrevista com docente do câmpus	56
Figura 8 - Entrevista com discente do câmpus	56
Figura 9 - Entrevista com comunidade externa	57
Figura 10 - Gravação dos <i>podcasts</i>	58
Figura 11 - Gravação dos <i>podcasts</i>	58
Figura 12 - Interface dos episódios no <i>Spotify</i> visto pelo celular	60
Figura 13 - Interface dos episódios no <i>Spotify</i> visto pelo computador	61

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Estatística de reprodução dos episódios por dia e mês	65
Gráfico 2 - Número de reproduções por episódio	65
Gráfico 3 - Número de reprodução por estado	66
Gráfico 4 - Estatística de ouvintes por gênero	66
Gráfico 5 - Estatística de ouvintes por idade	67
Gráfico 6 - Quanto à Aparência	68
Gráfico 7 - Quanto à Aparência	69
Gráfico 8 - Quanto ao Conteúdo	69
Gráfico 9 - Quanto a Compreensão	71
Gráfico 10 - Quanto a Compreensão	72
Gráfico 11 - Mudança de Ação	73
Gráfico 12 - Mudança de Ação	74
Gráfico 13 - Aceitação	75
Gráfico 14 - Aparência	98
Gráfico 15 - Aparência	98
Gráfico 16 - Compreensão	99
Gráfico 17 - Compreensão I	99
Gráfico 18 - Compreensão II	99
Gráfico 19 - Mudança de ação I	100
Gráfico 20 - Mudança de ação II	100
Gráfico 21 - Aceitação	101

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Cronograma de atividades do projeto de extensão Caçadores de Inclusão	58
Quadro 2 - Cronograma de publicação dos episódios do <i>podcast</i> Caçadores de Inclusão	61

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Alunos matriculados no Atendimento Educacional Especializado	32
Tabela 2 - Exemplo de Escala Likert	46

LISTA DE ABREVIATURAS

AEE	Atendimento Educacional Especializado
ANP	Atividade Não Presencial
AMBEVI	Associação de Moradores do Bairro Bela Vista
BNCC	Base Nacional Curricular Comum
CAI	Coordenadoria de Ações Inclusivas
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CERFEAD	Centro de Referência em Formação e Educação a Distância
CF	Constituição Federal
EJA	Educação de Jovens e Adultos
EPT	Educação Profissional e Tecnológica
FIES	Fundo de Financiamento Estudantil
FIC	Formação Inicial e Continuada
FNDE	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
IFES	Instituto Federal do Espírito Santo
IFSC	Instituto Federal de Santa Catarina
IFMA	Instituto Federal do Maranhão
INEP Teixeira	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio
LABTA	Laboratório de tecnologia assistiva
NAE	Núcleo de Acessibilidade Educacional
NAPNE	Núcleo de Atendimento à Pessoa com Necessidade Específica
NEE	Necessidades Educacionais Especiais
PcD	Pessoa com Deficiência
PDI	Plano de Desenvolvimento Institucional
PNP	Plataforma Nilo Peçanha
PNE	Plano Nacional de Educação
PPC	Projeto Pedagógico de Curso
PROEJA	Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos
PROEN	Pró-Reitoria de Ensino
PROEP	Programa de Expansão da Educação Profissional

PROEX	Pró-Reitoria de Extensão e Relações Externas
PROFEPT	Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional
REA	Recursos Educacionais Abertos
SIGAA	Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas
SIGRH	Sistema Integrado de Gestão de Recursos Humanos
SEESP	Secretaria de Educação Especial
SEMTEC	Secretaria de Educação Média e Tecnológica
SETEC	Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
TECNEP	Educação, Tecnologia e Profissionalização para Pessoas com Necessidades Especiais
TIC	Tecnologia da Informação e Comunicação

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	18
1.1 OBJETIVOS	21
1.1.1 Objetivo Geral	21
1.1.2 Objetivos Específicos	21
1.1.3 Aderência ao ProfEPT	21
1.1.4 Estrutura do trabalho	23
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	24
2.1 EDUCAÇÃO INCLUSIVA	24
2.2 A EDUCAÇÃO INCLUSIVA NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA	28
2.3 RECURSOS EDUCACIONAIS	33
2.3.1 <i>Podcast</i> como ferramenta de inclusão	36
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	40
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	40
3.2 CONTEXTO DA PESQUISA UNIVERSO DA PESQUISA E PARTICIPANTES	41
3.3 ETAPAS DA PESQUISA	43
3.4 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS E AVALIAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL	45
4 PRODUTO EDUCACIONAL	48
4.1 CARACTERIZAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL	48
4.2 TECNOLOGIA EMPREGADA E MEIO DE DIVULGAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL	49
4.3 ELABORAÇÃO E APLICAÇÃO	49
4.4 REGISTRO, UTILIZAÇÃO E ACESSO	62
5 APRESENTAÇÃO DOS DADOS	64
6 CONCLUSÕES	78
REFERÊNCIAS	82
APÊNDICE A – ROTEIRO DOS <i>PODCASTS</i>	92
APÊNDICE B – FORMULÁRIO DE AVALIAÇÃO DOS <i>PODCASTS</i>	93
APÊNDICE C - RESPOSTAS DA VALIDAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL	98
ANEXO A - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	108

1 INTRODUÇÃO

A educação inclusiva é primordialmente uma questão de direitos humanos. Desse modo, “não se deve segregar nenhuma pessoa como consequência de sua deficiência, de sua dificuldade de aprendizagem, do seu gênero ou mesmo se esta pertencer a uma minoria étnica” (SÁNCHEZ, 2005, p. 12).

A Constituição Federal, em seu inciso I do artigo 206 (BRASIL, 1988), ratifica para todos a igualdade de condições ao acesso e a permanência em instituições de ensino. “Esse princípio impede qualquer tipo de discriminação, significando que, por meio do sistema educacional, todos os brasileiros devem alcançar cidadania plena” (NASCIMENTO *et al.*, 2015, p. 2).

Outras legislações também possuem o intuito de assegurar e promover a educação em condições de igualdade, tais como: a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394/96 (BRASIL, 1996); a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, de 07 de janeiro de 2008; a Lei nº 12.711/12 (BRASIL, 2012), a Lei de Cotas, que dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio; e a mais recente, a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, Lei nº 13.146/15 (BRASIL, 2015).

Corroboram com a Constituição Federal e os marcos legais supracitados o disposto na missão do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC)¹ que é “Promover a inclusão e formar cidadãos, por meio da educação profissional, científica e tecnológica, gerando, difundindo e aplicando conhecimento e inovação, contribuindo para o desenvolvimento socioeconômico e cultural” (IFSC, 2021).

Para além dos aspectos normativos, cabe ressaltar a importância do trabalho docente inclusivo, assumindo o papel de mediador, uma vez que está diretamente envolvido com as diversas situações na sala de aula. Segundo Anjos *et al.* (2018), as práticas dos educadores são muitas vezes questionadas e tornam-se motivo de reflexão frente a diversidade escolar, não somente no que se refere à aprendizagem, mas também a outros aspectos que envolvem o contexto dos alunos, seja social, cultural ou outros.

Outras propostas de ensino atuam na perspectiva do Desenho Universal de

¹Disponível em: <https://www.ifsc.edu.br/missao-visao-e-valores>. Acesso em: 29 nov. 2019.

Aprendizagem² (DUA), o qual busca planejar os conteúdos para todos os estudantes, considerando as suas especificidades de aprendizagem. Conforme Zerbato e Mendes (2021, p. 12), “o DUA constitui uma proposta de planejamento em conjunto, integrando os seus elementos nas práticas já desenvolvidas por educadores para potencializar o seu ensino e possibilitar o acesso e a participação de todos”.

Nesse contexto, como aponta Silva (2020), saber quais são as práticas e os direitos relacionados à inclusão permite que os discentes possam se reconhecer como sujeitos de direitos, contribuindo na construção da sua cidadania. A disponibilização dessas informações promove uma relação bilateral de inclusão, pois um ambiente educacional inclusivo na construção da cidadania.

Na tentativa de enfrentar as barreiras quanto às desigualdades sociais, o acesso e a permanência, surge o Plano Nacional de Educação (PNE), decênio 2014/2024, aprovado pela Lei nº 13.005/2014, que compreende desde diagnósticos sobre a educação brasileira até a proposição de metas, diretrizes e estratégias. Dentre as 20 metas do PNE, destacamos a meta quatro (4) que dispõe sobre a inclusão nas instituições de ensino e preconiza:

Universalizar, para a população de 4 a 17 anos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, o acesso à educação básica e ao atendimento educacional especializado, preferencialmente na rede regular de ensino, com a garantia de sistema educacional inclusivo, de salas de recursos multifuncionais, classes, escolas ou serviços especializados, públicos ou conveniados (BRASIL, 2014, *sp.*).

Para atender aos aspectos legais e desenvolver uma educação mais inclusiva, o IFSC conta com uma Coordenadoria de Ações Inclusivas (CAI), uma comissão de análise dos laudos cotistas de pessoas com deficiência (PcD), os Núcleos de Acessibilidade Educacional (NAE) em cada um dos 22 câmpus, e dois laboratórios de tecnologia assistiva (Labta), sendo um no Câmpus Araranguá e outro no Câmpus Palhoça-Bilíngue. Põe-se em evidência aqui a atuação dos

²Desenho Universal de Aprendizagem vem do conceito de Desenho Universal, da área do Desenvolvimento Arquitetônico e seus produtos, impulsionado pela primeira vez por Ronald L. Mace, da Universidade Estadual da Carolina do Norte em 1980. Esse movimento teve como objetivo criar entornos físicos e ferramentas que possam ser utilizados pelo maior número de pessoas possíveis. Um exemplo clássico do Desenho Universal são as rampas das calçadas: ainda que originalmente fossem planejadas para pessoas usuárias de cadeiras de rodas, agora são usadas por todos, desde pessoas com carrinhos de compra a pais empurrando carrinhos de crianças (SEBASTIÁN-HEREDERO, 2020, p. 734).

Núcleos de Acessibilidade Educacional, setor vinculado ao Departamento de Ensino, Pesquisa e Extensão de cada câmpus, sendo responsável por articular as ações institucionais à promoção da inclusão, atuando de forma articulada com os professores, coordenações de curso, coordenadoria pedagógica, gestores, estudantes e suas famílias, entre outros (IFSC, 2021).

Outro espaço do IFSC com foco na inclusão refere-se a uma plataforma colaborativa online para o compartilhamento de práticas educacionais inclusivas (praticasinclusivas.com.br). Ela surgiu em 2018 como produto educacional da dissertação da aluna do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (PROFEPT), Elaine Seiffert, desenvolvida pelo Centro de Referência em Formação e Educação a Distância (Cerfead) sob orientação do professor Douglas Juliani. A plataforma visa coletar e socializar práticas educacionais inclusivas que possam auxiliar educadores a aprimorarem suas estratégias pedagógicas. Atualmente, possui mais de oitenta práticas cadastradas e as buscas pelas ações no site podem ser feitas por seleção do tipo de público atendido (altas habilidades, baixa visão e surdocegueira, por exemplo), modalidade de ensino (educação especial, educação profissional e tecnológica) e nível de ensino (desde educação infantil até ensino superior e pós-graduação).

Com o intuito de fortalecer a disseminação dessas experiências inclusivas, esta pesquisa se dispôs desenvolver uma série *podcasts* a partir das práticas compartilhadas na referida plataforma, que foram coletadas por meio do Edital da Pró-Reitoria de Ensino (Proen) do IFSC nº 002/2019 denominado Compartilhamento de Práticas Educacionais Inclusivas, que compreendeu ações que ocorreram entre 2017 e 2019.

Portanto, como forma de estimular a perspectiva inclusiva na EPT e sensibilizar a comunidade acadêmica a respeito da importância da docência na perspectiva da educação inclusiva, o foco desta dissertação está baseado na seguinte pergunta de pesquisa: O desenvolvimento de uma série de *podcasts* como recurso educacional aberto pode contribuir para a disseminação de práticas educacionais inclusivas desenvolvidas no IFSC?

Como estratégia para viabilizar o desenvolvimento desta pesquisa, foi submetido e executado o projeto de extensão intitulado Caçadores de Inclusão: *podcast* sobre práticas educacionais inclusivas, que ocorreu de setembro a dezembro de 2021. O projeto foi contemplado pelo Edital 14/2021 da Pró-Reitoria de

Extensão do IFSC - Protagonismo Discente e contou com a atuação de cinco discentes extensionistas que participaram de todas as etapas, desde o planejamento, criação de roteiros, entrevistas, edição e publicação do conteúdo produzido em plataformas de reprodução de áudio.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo Geral

Com o intuito de sensibilizar acerca da educação inclusiva na EPT, buscou-se estratégias de comunicação para alavancar a educação inclusiva no IFSC e na Educação Profissional. Assim, o objetivo geral foi desenvolver uma série de *podcasts* sobre inclusão na EPT a fim de contribuir com o compartilhamento de práticas pedagógicas na perspectiva da educação inclusiva.

1.1.2 Objetivos Específicos

- Analisar as práticas inclusivas que estão sendo desenvolvidas no IFSC;
- Selecionar práticas inclusivas para produzir uma mídia educacional;
- Elaborar o planejamento dos *podcasts* sobre educação Inclusiva;
- Realizar a gravação e edição dos *podcasts* sobre as práticas inclusivas no IFSC;
- Verificar a percepção da comunidade acadêmica acerca do produto educacional desenvolvido e sua contribuição para a educação inclusiva.

1.1.3 Aderência ao ProfEPT

O Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (ProfEPT) proporciona formação em educação profissional e tecnológica, com o intuito de contribuir para a melhoria da qualidade do ensino e para o desenvolvimento de pesquisas na área (IFSC, 2021).

Está concentrado na área de Ensino da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), órgão ligado ao Ministério da Educação, o curso é semipresencial, oferecido pelas instituições que compõem a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, coordenado pelo Instituto Federal do Espírito Santo (IFES), e tem o IFSC como uma das instituições associadas e um dos polos presenciais do mestrado.

Segundo disposto em seu regulamento, o ProfEPT tem como objetivo [...] “proporcionar formação em educação profissional e tecnológica, visando tanto a produção de conhecimentos como o desenvolvimento de produtos, por meio da realização de pesquisas que integrem os saberes inerentes ao mundo do trabalho e ao conhecimento sistematizado” (IFES, 2018, p. 2).

O programa possui duas linhas de pesquisa: a) Organização e Memórias de Espaços Pedagógicos na Educação Profissional e Tecnológica; b) Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica. Esta última tem o seguinte objetivo:

Trata dos fundamentos das práticas educativas e do desenvolvimento curricular na Educação Profissional e Tecnológica, em suas diversas formas de oferta, com foco nas estratégias transversais e interdisciplinares, que possibilitem formação integral e significativa do estudante, sustentados no trabalho como princípio educativo e na pesquisa como princípio pedagógico, em espaços formais e não formais. Considera, também, às questões relacionadas à Educação de Jovens e Adultos, à Educação Indígena, à Educação e Relações Étnico-raciais, à Educação Quilombola, à Educação do Campo, às Questões de Gênero e à Educação para Pessoas com Deficiências (PCDs) e sua relação com as diversas práticas do mundo do trabalho (IFES, 2018, p. 3).

Essa linha de pesquisa possui três macro projetos: Macroprojeto 1 – Propostas metodológicas e recursos didáticos em espaços formais e não formais de ensino na EPT; Macroprojeto 2 – Inclusão e diversidade em espaços formais e não formais de ensino na EPT; Macroprojeto 3 – Práticas Educativas no Currículo Integrado.

Considerando o objetivo geral do presente trabalho, que está diretamente ligado a linha de pesquisa “Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica”, além de se encaixar ao macroprojeto “Inclusão e diversidade em espaços formais e não formais de ensino na EPT”, pois versa sobre o desenvolvimento de um recurso educacional que possa contribuir para o compartilhamento de práticas pedagógicas na perspectiva da educação inclusiva,

com foco nos educadores e suas práticas pedagógicas e na disseminação de práticas inclusivas.

1.1.4 Estrutura do trabalho

A fim de contemplar seus objetivos, esta dissertação está estruturada em seis capítulos, conforme descritos a seguir. O primeiro capítulo tem a finalidade de contextualizar e situar o leitor no tocante à pesquisa e ao problema de pesquisa, assim subdividido: Introdução, Objetivo Geral, Objetivos Específicos, Aderência ao ProfEPT e Estrutura do Trabalho.

No segundo capítulo, a Fundamentação Teórica, é realizada uma revisão de literatura sobre a Educação Inclusiva na EPT e o Contexto da Educação Inclusiva na EPT, percorrendo sobre a implementação das políticas de inclusão na Rede Federal, sobre a evolução do quantitativo de ingresso de pessoas com deficiência na educação profissional e sobre as ações inclusivas no IFSC.

Ainda na Fundamentação, temos o capítulo Recursos Educacionais, o qual apresenta sobre os recursos educacionais abertos e sua relação nas práticas inclusivas. Esta seção é finalizada com o *Podcast* como inclusão, trazendo um panorama da utilização desse recurso nas práticas pedagógicas.

O terceiro capítulo, Procedimentos Metodológicos, descreve o tipo de pesquisa utilizada no desenvolvimento da pesquisa. Assim, temos na sequência o Contexto da Pesquisa e Procedimentos Técnicos da Pesquisa.

No quarto capítulo, Produto Educacional, tem-se: Caracterização do Produto Educacional; Tecnologia Empregada e Meio de Divulgação do Produto Educacional; Concepção e Elaboração; Aplicação, Avaliação e Registro, Utilização e Acesso.

O quinto capítulo, Análise dos Dados, faz um comparativo das contribuições dos avaliadores do produto educacional quanto à fundamentação teórica. O sexto capítulo é dedicado às Conclusões da pesquisa, além de referências, apêndices e anexo.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo serão apresentadas as fundamentações teóricas que embasaram a pesquisa em questão.

2.1 EDUCAÇÃO INCLUSIVA

A educação inclusiva contempla a perspectiva de equidade que reconhece e valoriza as diferenças humanas, caracteriza-se como um espaço de todos. Nesta perspectiva “[...] os alunos constroem o conhecimento segundo suas capacidades, expressam suas ideias livremente, participam ativamente das tarefas de ensino e se desenvolvem como cidadãos nas suas diferenças” (ROPOLI *et al.*, 2010, p. 08).

De acordo com Glat e Blanco (2007), a educação inclusiva significa um novo modelo de escola em que é possível o acesso e a permanência de todos os alunos, sendo os mecanismos de seleção e de discriminação substituídos pela identificação e remoção de barreiras para a aprendizagem.

Sendo assim, a inclusão diz respeito à identificação e remoção de barreiras, e isto “implica coleta contínua de informações que são valiosas para entender a performance dos alunos [...] Inclusão diz respeito à presença, participação e aquisição de todos os alunos” (FERREIRA, 2005, p. 44).

Outros autores que corroboram com a necessidade de eliminação de barreiras são Silva, Gesser e Nuernberg (2019), que tratam da inclusão no contexto escolar e universitário:

Aos poucos, as escolas e universidades vêm incorporando em sua cultura o desafio de superar as barreiras físicas, comunicacionais, informacionais e atitudinais que incidem sobre aqueles que apresentam uma condição distinta do ponto de vista sensorial, físico ou intelectual, de modo a assegurar em sua dinâmica de funcionamento a atenção que demandam esses estudantes, bem como o enriquecimento do grupo com a valorização das diferenças (SILVA; GESSER; NUERNBERG, 2019, p. 176).

Há algum tempo a temática sobre educação inclusiva já faz parte de diversas conferências internacionais e tem resultado em preceitos educacionais que devem ser seguidos a fim de atingir metas de educação inclusiva a nível mundial. Um exemplo dessas ações é a Agenda 2030:

A Agenda 2030 é um plano de ação para as pessoas, o planeta e a prosperidade, que busca fortalecer a paz universal. O plano indica 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, os ODS, e 169 metas, para erradicar a pobreza e promover vida digna para todos, dentro dos limites do planeta. São objetivos e metas claras, para que todos os países adotem de acordo com suas próprias prioridades e atuem no espírito de uma parceria global que orienta as escolhas necessárias para melhorar a vida das pessoas, agora e no futuro (ONU, 2016, p. 1).

Dentre os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) destaca-se o de número quatro (4), que visa: "assegurar a educação inclusiva e equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos" (ONU, 2016, p. 18). O item 4.5 do ODS ainda destaca:

Até 2030, eliminar as disparidades de gênero na educação e garantir a igualdade de acesso a todos os níveis de educação e formação profissional para os mais vulneráveis, incluindo as pessoas com deficiência, os povos indígenas e as crianças em situação de vulnerabilidade (ONU 2016, p. 23).

Para Freire (1996), a educação como promotora de autonomia, quando feita de maneira inclusiva, é uma ferramenta que pode contribuir para que pessoas com deficiência possam desprender-se da seara da exclusão e tornarem-se protagonistas do seu processo de aprendizado.

Destarte, Libâneo (1998) afirma que o professor medeia a relação ativa do aluno com a matéria, mas considerando o conhecimento, a experiência e o significado que o aluno traz à sala de aula, seu potencial cognitivo, sua capacidade e interesse, seu procedimento de pensar, seu modo de trabalhar. Nesta perspectiva, Freire (1996, s/p) diz que "saber ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção".

Para Seiffert (2019a), o educador inclusivo não está pronto e não pode depositar em sua formação a precisão para uma educação inclusiva, porém, adquire essa característica no exercício de sua função docente, estando atento e sensível para as necessidades de todos os alunos. "Ser educador requer desprendimento para reinventar-se e flexibilidade para acolher a todos" (SEIFFERT, 2019a, p. 35).

Percebe-se, conforme apontam Ropoli *et al.* (2010), que as mudanças não ocorrem pela mera adoção de práticas diferentes de ensinar. Elas dependem da elaboração dos professores sobre o que lhes acontece no decorrer da experiência educacional inclusiva que eles se propuseram a viver.

O que vem dos livros e o que é transmitido aos professores nem sempre penetram em suas práticas. A experiência a que nos referimos não está relacionada com o tempo dedicado ao magistério, ao saber acumulado pela repetição de uma mesma atividade utilitária, instrumental. Estamos nos referindo ao saber da experiência, que é subjetivo, pessoal, relativo, adquirido nas ocasiões em que entendemos e atribuímos sentidos ao que nos acontece, ao que nos passa, ao que nos sucede ao viver a experiência (ROPOLI *et al.*, 2010, p.10).

Para Sasaki (2009), a inclusão deveria ser vista como um paradigma de sociedade, processo pelo qual os sistemas sociais se tornam adequados à diversidade humana, composta por etnia, raça, língua, nacionalidade, gênero, orientação sexual, deficiência e outros atributos, com a participação das próprias pessoas na formulação e execução dessas adequações.

Assim, a adoção de práticas inclusivas no fazer pedagógico pode ser um caminho a ser trilhado nas instituições de ensino, as quais estimulam educadores e gestores a repensarem a sua abordagem. Segundo Da Rosa (2021), “a educação especial por si só não define os sujeitos, porque eles são plurais. [...] independente de ter deficiência ou não, temos que reconhecer que cada sujeito vai ter um estilo diferente de aprendizagem” (DA ROSA, 2021, s/p).

De fato, sem a ampliação das políticas de inclusão e sem efetivamente proporcionar condições de permanência aos alunos com deficiência, seja via acessibilidade aos espaços públicos, material e práticas pedagógicas inclusivas, por exemplo, torna-se difícil ao indivíduo com deficiência concluir seus estudos. O que se comprova na prática é que apenas dar acesso criando vagas reservadas não resolve as necessidades. A questão perpassa por tantas outras nuances que fazem o percurso do aluno com deficiência ter diversas barreiras para poder estudar e o docente, bem como a equipe pedagógica possuem papel fundamental nessa caminhada.

A fim de sensibilizar para a educação inclusiva e o compartilhamento de práticas educacionais, acredita-se que existem muitas maneiras de se criar um contexto educacional inclusivo. É preciso envolver a criação de condições organizacionais e curriculares nas quais todos os alunos possam aprender.

“O professor, na perspectiva de uma educação inclusiva, não é aquele que ‘diversifica’ para alguns, mas aquele que prepara suas atividades diversas para os seus estudantes ao trabalhar um mesmo conteúdo curricular” (SOUZA; CUNHA;

MAGALHÃES, 2013, p. 89).

A inclusão é um processo em direção às necessidades de todos os alunos na escola e há pontos a serem considerados, tais como, políticas, flexibilidade curricular, coletividade dos professores, compreensão sobre o ensino, sensibilidade para o contexto dessas necessidades (BOTEGA; MORETTI; SILVEIRA, 2019, p. 13).

De acordo com Sassaki (2013, p. 26), “segundo o paradigma inclusivista, os recintos e equipamentos dos programas de educação profissional e tecnológica deverão estar adaptados³ para as necessidades específicas⁴ de seus estudantes”. Logo, percebe-se a necessidade de flexibilização do currículo e da avaliação que proporcionem metodologias e equipamentos para que o estudante com deficiência possa participar conjuntamente das mesmas atividades com os demais alunos. Desse modo, o uso de tecnologias na educação contribui de forma significativa ao processo de ensino e aprendizagem dos alunos com ou sem deficiência.

Para Seiffert (2019a), o educador que exerce sua função na perspectiva da educação inclusiva precisa estabelecer, com o seu fazer pedagógico, o diálogo entre teoria e prática e levantar as seguintes questões:

Como é feita a elaboração/desenho da metodologia didática e das ferramentas pedagógicas para atingir o objetivo que se quer alcançar? Qual é esse objetivo? O que os estudantes levam dessa aula? O que aprendem e conseguem colocar em prática? Que intervenções poderão fazer a partir deste aprendizado? Como é o contexto da sala de aula? Quem são esses estudantes? De onde eles vêm? O que trazem na bagagem? Que espaços educacionais nós queremos? E consequentemente: Que sociedade nós queremos? Qual a minha contribuição enquanto docente para a sociedade que queremos? (SEIFFERT, 2019a, p. 36).

³“Adaptados” ou “Adaptação razoável” significa as modificações e os ajustes necessários e adequados que não acarretem ônus desproporcional ou indevido, quando requeridos em cada caso, a fim de assegurar que as pessoas com deficiência possam gozar ou exercer, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas, todos os direitos humanos e liberdades fundamentais (ONU, 2007). Contudo, autoras como Geisa Letícia Kempfer Böck, Débora Diniz e Lívia Barbosa trabalham na perspectiva do Desenho Universal, que significa a concepção de produtos, ambientes, programas e serviços a serem usados, na maior medida possível, por todas as pessoas, sem necessidade de adaptação ou projeto específico (BRASIL, 2015).

⁴Na perspectiva da educação inclusiva, a educação especial passa a constituir a proposta pedagógica da escola, definindo como seu público-alvo os alunos com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades/superdotação. Nestes casos e outros, que implicam em transtornos funcionais específicos, a educação especial atua de forma articulada com o ensino comum, orientando para o atendimento às necessidades educacionais especiais desses alunos (BRASIL, 2008).

2.2 A EDUCAÇÃO INCLUSIVA NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Historicamente, a educação profissional das pessoas com deficiência busca adequar esse público ao sistema educacional, sendo o fator “deficiência” uma premissa para justificar a dificuldade de aprendizagem (SASSAKI, 2013, p. 38).

Böck (2019) destaca que o movimento de Educação Inclusiva, que teve início em meados da década de 1990, representou um avanço à necessidade de uma mudança estrutural na Educação, ao iniciar o debate sobre as diferenças de gênero, classe, raça, território, religião como inerentes à condição humana (BÖCK, 2019, p. 27).

Porém, ao longo do tempo, o modelo educacional foi modificando-se ao modo de ensinar de acordo com as habilidades e necessidades das pessoas, com ou sem deficiência. Glat e Blanco (2009, p. 29) afirmam que a mudança de olhar é decisiva, uma vez que “implica em desviar o foco de atenção, que anteriormente estava centrado na dificuldade do aluno, direcionando-o para as respostas educacionais que a escola precisa lhe proporcionar”.

Nesse viés, percebe-se o aumento de ações e políticas públicas voltadas para o acesso e inclusão das pessoas com deficiência ao sistema de ensino. No contexto da Educação Profissional e Tecnológica, foi assinado, ainda em 2001, um termo de compromisso entre a Secretaria de Educação Média e Tecnológica (SEMTEC) e a Secretaria de Educação Especial (SEESP) para implementar o Programa TECNEP – Educação, Tecnologia e Profissionalização para Pessoas com Deficiência.

Esse programa caracteriza-se por ser a primeira ação do Ministério da Educação em termos de políticas públicas de inclusão para as pessoas com deficiência na Educação Profissional e Tecnológica (GONÇALVES, 2017, p. 66).

A exclusão educacional, gerada historicamente pela desigualdade social, impedia o ingresso de pessoas com necessidades específicas em cursos técnicos e tecnológicos das instituições de educação profissional. Desde o processo seletivo até a infraestrutura instalada, tudo favorecia a reprodução da exclusão e da injustiça social. A institucionalização da Ação TECNEP possibilitou a quebra desse paradigma e, com a desmistificação do atendimento a esse público-alvo, nossas instituições se tornaram mais humanizadas (NASCIMENTO; FARIA, 2013, p. 14).

Assim, surge na perspectiva da EPT a formação omnilateral dos indivíduos,

com o papel de compreender, criticar e ser atuante no seu contexto para modificá-lo. A Educação Inclusiva tem como prevalência um único sistema educacional para todos (NASCIMENTO *et al.*, 2015).

A criação dos Núcleos de Atendimento às Pessoas com Necessidades Específicas (NAPNEs) surgiu da Ação TECNEP, que começou a ser utilizado como modelo para outras políticas sociais da Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (SETEC) e de outras instituições em todo o Brasil. Importante destacar que, em 2000, foi realizada a apresentação do Programa TECNEP às Instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica e seus representantes em nível federal, regionais e estaduais, para que houvesse a inclusão de pessoas com deficiência em seu projeto político-pedagógico. Assim, “dever-se-ia envidar esforços para preparar a infraestrutura, recursos humanos, materiais e financeiros necessários ao processo didático-pedagógico inclusivo da instituição” (NASCIMENTO; FARIA, 2013, p. 17).

Com relação à adequação de Projetos Pedagógicos de Cursos (PPC), conforme preconiza o Programa TECNEP, inicialmente ficou a cargo dos NAPNEs, sendo o principal atuante no processo de inclusão nas Instituições, o qual busca possibilitar aos alunos com deficiência permanência e êxito.

Até o ano de 2003 as ações do Programa foram voltadas à mobilização e sensibilização com o intuito de apresentação do TECNEP. Segundo Nascimento (2013), durante as apresentações, cada instituição enfatizava a necessidade de expansão de ofertas de vagas, assim como a inserção de pessoas com deficiência no mundo do trabalho. Já de 2003 a 2006 foi realizada a consolidação dos grupos gestores, dos NAPNEs e a estratégia de implantação da Ação TECNEP.

No período seguinte, de 2007 a 2009, aconteceu a formação de recursos humanos, uso e desenvolvimento de tecnologia assistiva. Foram desenvolvidos cursos de FIC sobre Libras, braille, políticas públicas de inclusão, Tecnologia Assistiva e outros que possibilitaram a instrumentalização na Rede Federal.

A Ação TECNEP, até junho de 2011, teve a preocupação de instrumentalizar a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica para o acolhimento de pessoas com necessidades específicas (deficientes, superdotados e com transtornos globais do desenvolvimento) em cursos de Formação Inicial e Continuada, Técnicos, Tecnológicos e de pós-graduação, possibilitar a sua permanência no lócus de formação e, sempre que possível, promover a saída com êxito para o mundo do trabalho (NASCIMENTO; FARIA, 2013, p. 13).

Apesar da extinção do Programa TECNEP em 2011, os NAPNEs continuaram a ser implantados no âmbito dos Institutos Federais de Educação e a Rede Federal de EPT [...], “a partir dessa instrumentalização, torna-se referência, não só em infraestrutura, mas também como possibilitadora de inclusão social” (NASCIMENTO; FARIA, 2013, p. 22).

Outra estratégia de inclusão educacional de pessoas com deficiência é o Plano Nacional de Educação (PNE), instituído pela Lei nº 13.005/2014, que determina diretrizes, metas e estratégias para a política educacional no período de 2014 a 2024. Uma das metas do PNE prevê:

Elevar a taxa de matrícula na educação superior para 50% (cinquenta por cento) e a taxa líquida para 33% (trinta e três por cento) da população de 18 (dezoito) a 24 (vinte e quatro) anos, assegurada a qualidade de oferta e expansão para, pelo menos, 40% (quarenta por cento) das novas matrículas, no segmento público (PNE, 2014, *sp.*).

Dentre as estratégias voltadas para a inclusão merece destaque o item 12.5 da referida lei:

Ampliar as políticas de inclusão e de assistência estudantil dirigidas aos (às) estudantes de instituições públicas, bolsistas de instituições privadas de educação superior e beneficiários do Fundo de Financiamento Estudantil - FIES, de que trata a Lei nº 10.260, de 12 de julho de 2001, na educação superior, de modo a reduzir as desigualdades étnico-raciais e ampliar as taxas de acesso e permanência na educação superior de estudantes egressos da escola pública, afrodescendentes e indígenas e de estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, de forma a apoiar seu sucesso acadêmico (PNE, 2014, *sp.*).

Quanto à Meta 4 do PNE, que se refere à educação especial inclusiva para a população de 4 a 17 anos com deficiência, transtornos do espectro autista e altas habilidades/superdotação, verificou-se que o percentual de matrículas de alunos incluídos em classes comuns aumentou de 90,8% em 2017 para 93,5% em 2021 (BRASIL, 2021).

Dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) destacam que o número de matrículas da educação especial chegou a 1,4 milhão em 2021, um aumento de 26,7% em relação a 2017. O percentual de alunos com deficiência, matriculados em classes comuns apresentou-se de 90% de alunos em 2021. A maior proporção de alunos com deficiência é observada na educação profissional subsequente/concomitante, com o percentual

de 99,5% (BRASIL, 2021).

Com o aumento do número de matrículas de alunos com algum tipo de deficiência nas Instituições de Ensino, em especial as de Educação Profissional e Tecnológica, no caso os Institutos Federais, percebem-se também a necessidade dessas instituições adequarem-se à nova realidade e promover ações que contribuam cada vez mais para a inclusão educacional desse público.

No Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC), que conta com 22 câmpus, a oferta de vagas em cursos vai desde a qualificação profissional até cursos de educação de jovens e adultos, técnicos, superiores e pós-graduação.

Informações da Plataforma Nilo Peçanha (PNP)⁵, que dispõe sobre os dados estatísticos da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica SETEC/MEC, mostram que nos editais de ingresso do IFSC para cursos técnicos e de graduação, no ano de 2021, das 9.007 vagas 4.362 eram destinadas à reserva de vagas por cotas pretos, pardos e indígenas (PPI) e vagas PcD, para pessoas com deficiência.

Nos editais de ingresso do IFSC para cursos de graduação, segundo a PNP, no ano de 2020, das 2867 vagas 57 eram para pessoas com deficiência com renda inferior a 1,5 salário mínimo, 56 eram para pessoas com deficiência com renda superior a 1,5 salário mínimo e 10 eram para pessoas com deficiência preto/pardo/indígena com renda superior a 1,5 salário mínimo. Cabe destacar que devido a alterações na Plataforma Nilo Peçanha, não foi localizado o percentual reservado às cotas para pessoas com deficiência referente ao ano de 2021.

Sendo a sua missão promover a inclusão e estar em acordo com os preceitos legais para proporcionar o acesso de pessoas com deficiência na rede federal, o IFSC possui uma estrutura organizacional que conta com equipes multidisciplinares para o atendimento especializado aos estudantes com deficiência em cada câmpus e na Reitoria, como exemplo da Coordenadoria de Ações Inclusivas:

A Coordenadoria de Ações Inclusivas do IFSC busca desenvolver um trabalho de colaboração para o aperfeiçoamento dos processos educativos, especialmente dos grupos sociais historicamente excluídos da educação, como os negros, pardos, indígenas e pessoas com deficiência. Promover a ampliação de práticas pedagógicas que valorizem a diversidade e as diferenças na sala de aula (IFSC, 2022, s/p.).

⁵Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/pnp>. Acesso em: 05 abr. 2022.

Para garantir o atendimento às especificidades e assegurar a permanência e êxito dos estudantes público-alvo da Educação Especial, cada câmpus do IFSC conta com o Núcleo de Acessibilidade Educacional (NAE), anteriormente denominado por Núcleo de Atendimento à Pessoa com Necessidade Específica (NAPNE). Esse setor agrega profissionais que buscam promover processos educativos em condições de igualdade para os estudantes. As pessoas com deficiência têm direito à [Cotas para ingresso](#), [Atendimento Educacional Especializado \(AEE\)](#), [Materiais Pedagógicos Acessíveis](#) e [Flexibilização no Currículo](#).

Dados fornecidos pela Coordenadoria de Ações Inclusivas do IFSC apontam para 335 alunos matriculados no Atendimento Educacional Especializado (AEE) no ano de 2021, sendo os maiores quantitativos as deficiências física e auditiva. Esta última se dá em função do IFSC possuir um Câmpus Bilíngue o qual oferta cursos para surdos. O quantitativo de alunos matriculados no AEE por tipo de deficiência é o seguinte conforme a Tabela 1:

Tabela 1 - Alunos matriculados no Atendimento Educacional Especializado

TIPO DE DEFICIÊNCIA	Nº DE ALUNOS
Física	89
Auditiva	99
Baixa Visão ou Cegueira	45
Intelectual	43
Transtorno do Espectro Autista	44
Superdotação/Altas habilidades	15

Fonte: Coordenadoria de Ações Inclusivas do IFSC (2021).

Os dados da Tabela 1 revelam uma crescente na EPT, como na educação superior, seja pública ou privada, de alunos com deficiência matriculados em cursos. Porém, é preciso que o ensino oferecido na educação profissional estabeleça uma mudança no olhar para que as pessoas com deficiência possam encontrar seu lugar de direito e seu espaço de aprendizagem, respeitando suas limitações e valorizando o seu potencial (SOUZA; CUNHA; MAGALHÃES, 2013).

Para isso, faz-se necessário o incentivo ao desenvolvimento de projetos de

ensino, pesquisa e extensão voltados para a criação e utilização de Tecnologia Assistiva, materiais didáticos e recursos educacionais acessíveis e, ainda, que tais resultados sejam alcançados e utilizados por toda comunidade escolar.

2.3 RECURSOS EDUCACIONAIS

Um recurso educacional pode ser definido como qualquer recurso capaz de ser utilizado como catalisador do processo de aprendizagem (SARTORI; ROESLER, 2005 *apud* JULIANI; BLEICHER, 2018). Os recursos educacionais abertos (REA) caracterizam-se pelo livre acesso aos materiais educacionais. Assim, podemos identificá-los como:

Materiais utilizados na educação em quaisquer suportes ou mídias como livros didáticos, textos, vídeos, *softwares* e outros materiais digitais que estejam disponíveis numa licença flexível ou em domínio público em formatos abertos ou livres para que outros possam usar, copiar, modificar, remixar e adequar aos diferentes contextos de trabalho ou sala de aula (SÉRIO NETO; GARCIA, 2013, p. 3).

Dessa forma, percebe-se que os REA despontam para práticas pedagógicas que, por meio de tecnologias, impulsionam o acesso à cultura e ao conhecimento a um maior número de pessoas possíveis. Os recursos educacionais abertos são uma estratégia importante para transformar cada jovem e cada professor em produtores de cultura e conhecimentos e não em consumidores de informações (SANTANA; ROSSINI; PRETTO, 2012, p. 80).

Partindo das afirmações de Santana, Rossini e Pretto (2012) sobre a importância dos alunos participarem ativamente do processo de construção da sua formação, trazemos à discussão a educomunicação. Trata-se da inserção da comunicação no processo educativo, do qual a educomunicação passa a ser parte fundamental, ampliando os diálogos sociais e educativos (DE ATAIDES VALIM *et al.*, 2021, p. 4).

Na definição de Soares (2012, 2016), a educomunicação é um campo em construção que interage com a educação, cujo objetivo consiste em fortalecer ecossistemas comunicacionais. Desse modo, a junção de comunicação e educação busca formar cidadãos que têm na comunicação e em sua gestão democrática um paradigma norteador de suas ações, em benefício de toda a comunidade onde

estejam inseridos.

Citelli; Soares e Lopes (2019), conceituam a educomunicação como “[...] estratégias multi-inter-transdisciplinares, diálogos e encontros (e possíveis desencontros) da comunicação, uma dimensão social estratégica no mundo hodierno, com a educação”.

Assim, a educomunicação tem o papel de promover processos educativos e participativos que possam estimular mudanças na sociedade (DE MORAIS; VIEIRA, 2017, p. 155). Nesse sentido, a forma de mediação de tal ferramenta pode possibilitar e ampliar os diálogos sociais e educativos. Para Vitorino e Machado (2018), a tecnologia aliada à educomunicação procura auxiliar o professor, fornecendo novas ferramentas e novos métodos que se adéquem a novos contextos, resistir a estas mudanças acaba tornando-se uma forma de exclusão.

O trabalho docente voltado às práticas de educomunicação torna os alunos críticos diante dos fatos sociais:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (SOARES, 2012, p. 13).

Acerca dos recursos educacionais abertos, um exemplo destacado neste trabalho, o qual se utilizou como base para a coleta das práticas desta dissertação, é a plataforma colaborativa de Práticas Inclusivas, a qual visa coletar e socializar práticas inclusivas que possam auxiliar educadores a aprimorarem suas estratégias pedagógicas.

As práticas socializadas na plataforma envolvem tanto o público da educação especial, quanto os demais estudantes, considerando suas especificidades. Segundo Seiffert (2019a), uma prática educacional inclusiva ocorre quando promove colaboração, empatia, respeito à diversidade, cuidado com as pessoas e com o ambiente.

Entende-se como sendo uma prática educacional inclusiva aquela que é planejada e executada com foco em todos os estudantes, considerando-os como sujeitos ativos no processo de aprendizagem, que modifica de forma positiva o ambiente da sala de aula, da escola e da comunidade e que acolhe a diversidade

existente para que todos acessem os conteúdos escolares e participem das propostas pedagógicas (SEIFFERT, 2019a).

Outro exemplo de prática inclusiva, é o recurso educacional é o aplicativo IncluíFMA, que está disponível para *download* no *Google Play*, e busca contribuir com a inclusão de discentes do Instituto Federal do Câmpus São Luís – Monte Castelo que apresentam alguma deficiência física. O aplicativo foi desenvolvido pela aluna do PROFEPT, Fernanda Souza da Silva, como produto educacional e visa divulgar informações sobre práticas inclusivas e direitos às pessoas com deficiência no IFMA Campus São Luís – Monte Castelo.

Voltando ao tipo de recurso educacional que se utilizou nesta dissertação, citam-se ações que vêm sendo realizadas no IFSC que utilizam o *podcast* como ferramenta para disseminação e compartilhamento de conteúdo. Uma ação realizada no IFSC, que traz como ferramenta o uso de *podcast*, iniciou no ano de 2020, em consequência ao isolamento social provocado pelo novo coronavírus, é o *podcast* “Ciência para Seus Ouvidos”, que tem como objetivo trazer os destaques da semana, debater temas ligados à ciência e divulgar projetos de ensino, pesquisa e extensão, além de oportunidades que a instituição oferece.

Outros câmpus do IFSC também criaram seus *podcasts*, como, por exemplo, o *podcast* “Arte e cultura remota para seus ouvidos”, que fala sobre as obras literárias abordadas no grupo de leitura do IFSC. Outro exemplo de *podcast* vem do IFSC Câmpus Urupema, intitulado “Serra Cervejeira”, que fala sobre a cadeia produtiva da cerveja na região. Além desses, também se evidencia o programa de rádio “IFSC Comunidade” do IFSC Câmpus Jaraguá do Sul, que foi criado em 2018, é veiculado nas rádios da região e hoje disponibiliza todo conteúdo em plataformas de *streaming*⁶.

Assim, percebe-se que o *podcast* tem importante papel quando utilizado como ferramenta nas práticas pedagógicas. Destarte, Medeiros e Medeiros (2018) enfatizam que a utilização de plataformas digitais, aplicativos e cursos online são apenas o início de um processo de grande ramificação do ensino. “Ampliando inclusive a possibilidade de criar novas metodologias que tornem o ensino criativo e atrativo para alunos e professores” (MEDEIROS; MEDEIROS, 2018, p. 10).

⁶*Streaming* são serviços que possibilitam a transmissão de conteúdos pela *internet* sem a necessidade de baixar.

2.3.1 *Podcast* como ferramenta de inclusão

Nesse contexto em que se percebe a crescente utilização do *podcast* como ferramenta de compartilhamento de conteúdo, principalmente na educação, discorre-se sobre o uso de *podcasts* no ambiente escolar como ferramenta de inclusão. Freire (2011, p. 196), diz que “considerando as demandas dos portadores de necessidades especiais⁷, as novas tecnologias de áudio digital são utilizadas cada vez mais com fins educativos”. Dito isso, o *podcast* se destaca como uma alternativa complementar para a inclusão de alunos com deficiência no ambiente escolar, que visa somar junto a outras estratégias pedagógicas e ferramentas educacionais para tornar a abordagem mais inclusiva.

Botton, Peripolli e Santos (2017) definem o emprego do *podcast* como uma ferramenta didática que suscita a autonomia do pensamento e ação dos alunos, motivando-os à pesquisa não somente no contexto de sala de aula. Deste modo, é importante o engajamento de diferentes recursos nas práticas educativas para que, além de estimular os diferentes sentidos do indivíduo no processo de aprendizagem, possamos inserir os estudantes aos contextos de ensino de forma mais abrangente (BOTTON; PERIPOLLI; SANTOS, 2017, p. 3).

Num mundo tecnológico no qual o tempo e os recursos são escassos, o *podcast* surge como uma tecnologia alternativa com amplo potencial para ser utilizada a serviço da educação e também no processo de formação continuada de professores (BOTTENTUIT JUNIOR; COUTINHO, 2007, p. 837). Verificou-se que os *podcasts* representam, em sua essência, uma possibilidade à inclusão não somente para pessoas com deficiência visual, mas também para pessoas com deficiência intelectual e para outros estudantes que não têm acesso ao ensino remoto e podem receber o conteúdo por *WhatsApp*, por ter em sua característica a junção do áudio digital e a distribuição sob demanda, sendo assim, uma ferramenta importante para a acessibilidade.

Na definição de Mafort *et al.* (2019, p. 8), o *podcast* é uma ferramenta que fornece o conteúdo de uma forma mais acessível linguisticamente aos alunos: “em adição, ele é acessível midiaticamente por alunos com deficiência visual devido ao

⁷ O termo surgiu em 1990 primeiramente para substituir “deficiência” por “necessidades especiais”, daí a expressão “portadores de necessidades especiais”. Em junho de 1994, A Declaração de Salamanca preconiza a educação inclusiva para todos, tenham ou não uma deficiência.

seu caráter estritamente auditivo, sendo um facilitador do processo de ensino aprendizagem”.

Segundo Pinheiro (2020), os *podcasts* se tornam acessíveis quando utilizam de estratégias como: transcrição, legenda descritiva e criativa, audiodescrição, janela de Libras, uso de *links*, *hashtags* e textos alternativos, por exemplo. “Os estudos da linguagem radiofônica, [...] a voz, a palavra, a música, os efeitos e o silêncio [...] precisam ser levados em consideração quando da produção de conteúdos áudio/visuais acessíveis à comunidade surda ou cega” (PINHEIRO, 2020, p. 63).

O uso do *podcast* como ferramenta de inclusão no Brasil é destacado por Freire:

O teor afetivo inserido no principal modo de produção de *podcast* hoje realizados no Brasil colabora para tornar essa ferramenta ainda mais adequada à utilização educativa por parte dos deficientes visuais. Tal afetividade se traduz no clima descontraído e bem-humorado dos programas, pautados por uma linguagem coloquial, mais acessível e nem por isso menos rica (FREIRE, 2011, p. 200).

Sobre essa abordagem, Mafort *et al* (2019) ponderam que é consensual que o tema inclusão deve ser abordado em todas as instâncias educacionais e o *podcast* surge para agregar pelo seu fácil acesso e linguagem simples, colaborando não só na formação dos que ouvem, mas também dos que constroem os arquivos.

Segundo Freire (2017), a criação de *podcasts* voltados a pessoas surdas constitui-se como uma prática inclusiva no Brasil, como por exemplo, a transcrição dos episódios do “Podsemfio⁸” para surdos, direcionado ao tratamento de temas relativos a tecnologias sem fio.

Outro modelo de *podcast* inclusivo citado por Freire (2017) é o projeto “CBN em Libras” que traz aos surdos brasileiros materiais em vídeos que apresentam, [...] além de conteúdos recentes já traduzidos pelos intérpretes de Libras da ONG, o boletim ‘Cidade Inclusiva’, apresentado por Cid Torquato no CBN São Paulo. “O prisma desenvolvido reforça a tese de que para a educação o *podcast* não se veicula estritamente a seus objetos técnicos, mas tem na ampliação da oralidade sua caracterização como tecnologia educacional inclusiva” (FREIRE, 2017, p. 224).

Devido às múltiplas formas de utilização do *podcast*, pela exploração da

⁸ *Podcast* direcionado ao tratamento de temas relativos a tecnologias sem fio, que possui diversas publicações online na área de tecnologia móvel.

oralidade e da criatividade, é preciso fazer um contraponto de que existem surdos que não leem, possuindo então dificuldades para ler e escrever, sendo a sua comunicação exclusivamente pela Libras. De acordo com a WFD (tradução da sigla, Federação Mundial dos Surdos)⁹, 80% dos surdos de todo o mundo têm baixa escolaridade, são analfabetos ou semi-alfabetizados, pois muitos dependem exclusivamente da língua de sinais para se comunicar e obter informação.

Nesse sentido, o *podcast* surge como uma possibilidade de recurso didático tecnológico capaz de auxiliar os professores a desenvolverem em seus alunos diversas competências enfatizadas pela Base Nacional Curricular Comum - BNCC (ALMEIDA; JUNIOR, 2021, p. 13). Em 2020, devido a pandemia de Covid-19, quando foi necessário fechar as escolas para evitar a circulação de pessoas, e consequentemente a proliferação do vírus, as aulas no IFSC, assim como demais instituições educacionais, ocorreram em formato de atividades não presenciais (ANP).

Desse modo, salientou-se a necessidade de buscar outras formas de ensinar, a exemplo do *podcast*, sendo considerado uma ferramenta importante para dinamizar as aulas e potencializar o aprendizado (DA SILVA JÚNIOR; DA SILVA; BERTOLDO, 2020, p. 36). Entre 2019 e 2021, segundo uma pesquisa realizada pela Associação Brasileira de Podcasters, foi possível observar uma consolidação significativa do consumo de *podcast* no cenário brasileiro. Dentre as dez temáticas mais produzidas, a área de educação é uma delas, assim como foi constatado que 12% dos produtores de *podcasts* trabalham na área Ensino/Educação.

Da Silva Júnior, Da Silva e Bertoldo (2020) enfatizam que há uma importante relação entre o uso do *podcast* como mídia tecnológica e a educação, pois tal relação estabelece uma dinâmica entre os elementos capazes de propiciar aprendizado dos conteúdos curriculares. Assim como incluir ferramentas tecnológicas no contexto pandêmico, como o da Covid-19, faz com que o professor possa dispor de recursos que promovam processos de aprendizagem criativa, considerando que os alunos já utilizam de tecnologias da informação e comunicação (TIC) com finalidades extracurriculares.

O *podcast* é definido por Primo (2020) como um processo midiático que surge a partir da publicação de arquivos de áudio na internet.

⁹Disponível em: <https://www.un.org/esa/socdev/enable/rights/contrib-wfd.htm>. Acesso em: 06 dez. 2020.

Os programas podem ser gravados em casa ou pequenos estúdios e depois convertidos em arquivo MP3¹⁰ (MPEG *Layer* 3, arquivos que podem ser armazenados suportes digitais e disponibilizados para *downloads*), procurados na *internet* ou assinados via RSS¹¹ (*Really Simple Syndication*), sistema de distribuição de conteúdo, base do *podcasting*, que normalmente é vinculado a uma plataforma (FERREIRA; SILVA, 2018, p. 03).

Para Silva (2020), criar um *podcast* exige mais do que uma simples gravação. O ideal é o programa ter um planejamento e o tema bem definido, com roteiros para os episódios, um *software* para gravação e edição (como, *Audacity* ou *Anchor*) e uma boa distribuição nos agregadores de *podcast* (*Spotify*, por exemplo) e plataformas de *streaming* (*Deezer* ou *Spotify*).

Segundo a plataforma de música *Spotify*, houve um aumento de 330% no número médio de ouvintes de *podcast* no mundo no período entre abril de 2017 e abril de 2018. É que os *podcasts* são, acima de tudo, práticos. Seja durante a ida ao trabalho ou no tempo se exercitando na esteira, ouvir um *podcast* é o novo jeito de se informar e ainda passar o tempo (CNA, 2020).

¹⁰MP3 é uma abreviação de MPEG *Layer* 3, um formato de compressão de áudio digital que minimiza a perda de qualidade em músicas ou outros arquivos de áudio reproduzidos no computador ou em dispositivo próprio.

¹¹RSS é a sigla em inglês para *Rich Site Summary* ou *Really Simple Syndication*, uma forma simplificada de apresentar o conteúdo de um site.

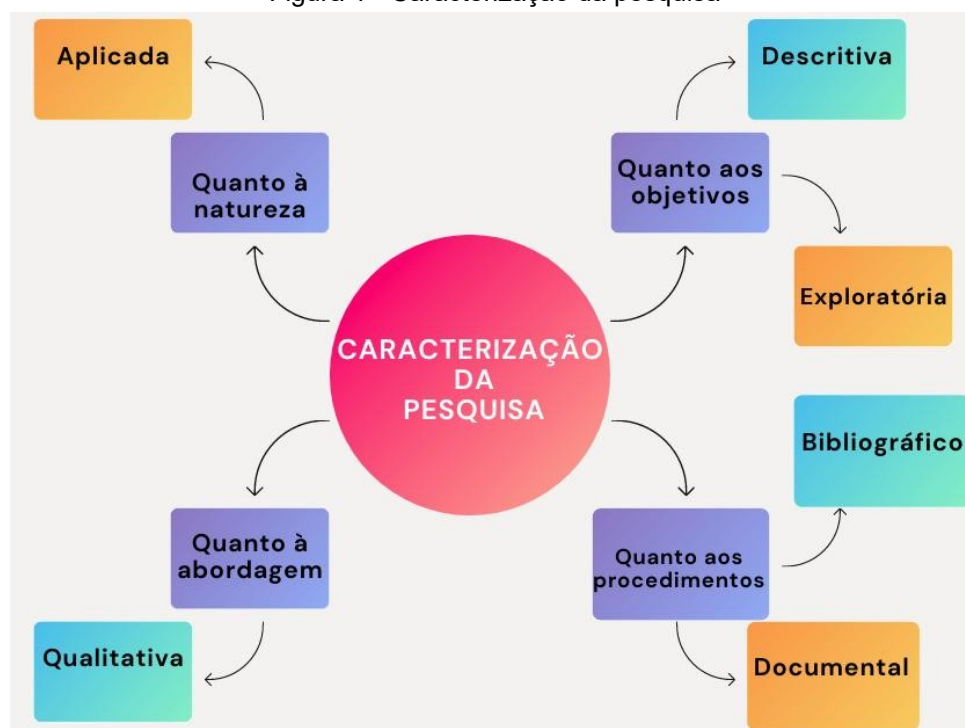
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo será descrita a metodologia utilizada para desenvolvimento deste trabalho, apresentando a classificação, contexto e procedimentos técnicos da pesquisa. Cabe destacar que esta pesquisa foi submetida e aprovada junto ao Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos do IFSC (ANEXO A) sob o nº 5.244.741, sendo utilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido TCLE - (Modelo disposto no APÊNDICE B) de todos os participantes da pesquisa.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Conforme Gil (2008), as pesquisas acontecem com o objetivo de encontrar respostas diante da ausência de informações suficientes para sanar as dúvidas apresentadas. A compreensão dos procedimentos metodológicos de uma pesquisa é essencial para o seu entendimento (GRAY, 2012). Assim, esta pesquisa foi classificada conforme apresentado na Figura 1:

Figura 1 - Caracterização da pesquisa



Fonte: Elaboração da Autora (2022).

Descrição da imagem: Círculo vermelho escrito caracterização da pesquisa com setas apontando

para quadros azuis escrito: quanto à natureza com seta apontando para quadro amarelo escrito aplicada, quanto à abordagem com seta apontando para quadro verde escrito qualitativa, quanto aos objetivos com seta apontando para um quadro verde escrito descritiva e para um quadro amarelo escrito exploratória e quanto aos procedimentos com seta apontando para quadro verde escrito bibliográfico e quadro amarelo escrito documental.

No que se refere à caracterização, esta pesquisa tem abordagem predominantemente qualitativa. As pesquisas qualitativas caminham por um processo de reflexão do pesquisador, aprofundando com leitura, análise e debate, o conhecimento sobre o tema estudado (LOSE; MAGALHÃES, 2019, p. 21). Para a escolha da abordagem qualitativa, conforme Gil (1994), o elemento humano continua sendo fundamental. Assim, esta pesquisa busca relatar quais práticas inclusivas estão sendo desenvolvidas na EPT. Juliani (2015) pondera que a pesquisa qualitativa define quais ideias têm representativo impacto emocional. É especialmente utilizada em ocasiões que envolvem a geração e o aprimoramento de novas ideias.

Quanto à natureza, esta pesquisa é aplicada, pois, conforme Prodanov e Freitas (2013), utiliza de conhecimentos da pesquisa básica e da tecnologia para se obter aplicações práticas como produtos, buscando assim disseminar as práticas inclusivas e sensibilizar os educadores para utilização de tais práticas.

No que se referem aos objetivos, estes são de caráter descritivo, pois “são incluídas neste grupo as pesquisas que têm por objetivo levantar as opiniões, atitudes e crenças de uma população” (GIL, 2008, p. 28). Envolve, ainda, entrevistas e análises de casos e tem como natureza a pesquisa aplicada, que “tem como característica fundamental o interesse na aplicação, utilização e consequências práticas dos conhecimentos” (GIL, 2008, p. 27). A pesquisa também se enquadra como exploratória, pois busca maior proximidade com o universo do objeto de estudo pesquisado.

3.2 CONTEXTO DA PESQUISA UNIVERSO DA PESQUISA E PARTICIPANTES

Como base documental desta pesquisa utilizou-se o Edital Proen 002/2019 de Compartilhamento de Práticas Educacionais Inclusivas, cujo objetivo foi de incentivar o desenvolvimento, o registro e o compartilhamento de práticas educacionais inclusivas realizadas pelos servidores nos câmpus do IFSC a fim de

valorizar, sistematizar e estimular tais ações no âmbito da educação profissional, sendo o registro e o compartilhamento dispostos plataforma Práticas Inclusivas (IFSC, 2019).

Cabe destacar que o edital contemplou, dentre as 21 práticas submetidas, os três câmpus com maior número de práticas validadas, Araranguá, Gaspar e Xanxerê, conforme critérios estabelecidos, e que receberam aporte financeiro para serem utilizados com a realização de ações dos Núcleos de Acessibilidade Educacionais (NAEs).

Outros câmpus também submeteram suas práticas ao edital, conforme mencionado acima, foram mais de vinte práticas, sendo os seguintes Câmpus: Gaspar, Araranguá, Xanxerê, Palhoça, Criciúma e Cerfead. Todas as ações realizadas estão dispostas em forma de relato na plataforma Práticas Inclusivas.

Assim, a seleção das práticas para esta dissertação ocorreu a partir de uma ação institucional. Considerando o repositório de ações inclusivas na plataforma, sendo ela o locus do estudo desta pesquisa, buscou-se coletar os relatos das práticas selecionadas que serviram como base para a roteirização dos *podcasts*.

Dessa forma, no planejamento inicial, decidiu-se por produzir os *podcasts* envolvendo as práticas inclusivas apenas dos Câmpus Araranguá, Gaspar e Xanxerê. A intenção foi de que, pelo menos, um coordenador, um discente e um membro da comunidade externa que participaram de cada ação pudessem ser entrevistados sobre a sua ação inclusiva.

Sobre os câmpus de escolha para esse produto educacional, além de serem os três câmpus contemplados no Edital Proen 002/2019, apresentamos a seguir um detalhamento dos câmpus em questão.

Segundo informações dispostas no site do IFSC (2021), o Câmpus Araranguá¹² foi criado em março de 2008, ainda com o nome de CEFET – Centro Federal de Educação Tecnológica. Segundo dados da Plataforma Nilo Peçanha¹³, com base no ano de 2021, o Câmpus possuía 741 alunos ativos. Os cursos se concentram nas áreas de eletromecânica, têxtil, moda, vestuário, física e formação de professores. Além de cursos de qualificação profissional, idiomas, técnicos, e Educação de Jovens e Adultos (EJA). Também é pólo de oferta de cursos de pós-

¹²Disponível em: <https://www.ifsc.edu.br/web/campus-ararangua/o-campus>. Acesso em: 06 dez. 2021.

¹³Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/pnp>. Acesso em: 05 abr. 2022.

graduação à distância.

Outro câmpus no qual contemplamos sua prática nesta pesquisa é o Câmpus Gaspar¹⁴ do IFSC, que iniciou suas atividades também em 2008. Segundo dados da Plataforma Nilo Peçanha, em 2021, o Câmpus possuía 893 alunos ativos. Atualmente, oferece cursos técnicos em administração, informática, modelagem do vestuário, química e cursos superiores de tecnologia em análise e desenvolvimento de sistemas, tecnologia em processos gerenciais e tecnologia em design de moda, além de cursos de qualificação profissional e de pós-graduação. O Câmpus Gaspar, também oferta cursos de qualificação profissional, idiomas, técnicos, graduação, pós-graduação e Educação de Jovens e Adultos (EJA) nas áreas de Gestão e Negócios, Vestuário, Informática e Química e na formação continuada de professores.

O terceiro é o Câmpus Xanxerê¹⁵, fruto da federalização do Centro Metal Mecânico do município. O IFSC iniciou o processo de implantação do Câmpus Avançado em março de 2009. A Plataforma Nilo Peçanha, ano-base 2021, registra 354 alunos matriculados. São ofertados no Câmpus Xanxerê cursos de Formação Inicial e Continuada (FICs), cursos técnicos integrados ao ensino médio, o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA), bacharelado em engenharia mecânica e pós-graduação em concepções multidisciplinares de leitura.

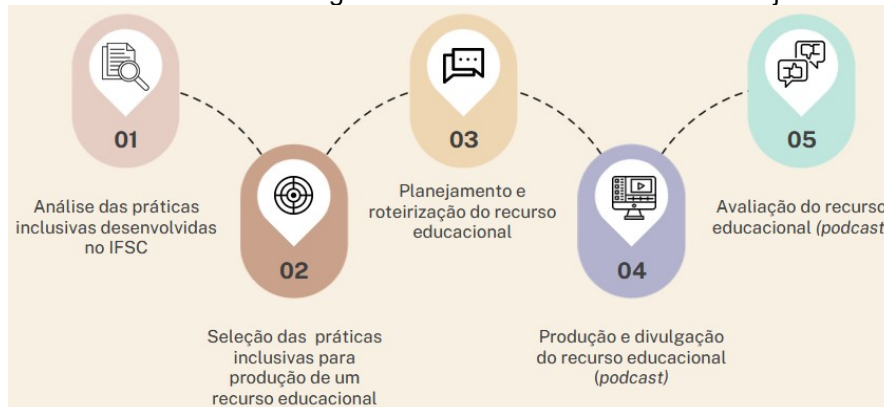
3.3 ETAPAS DA PESQUISA

A Figura 2, a seguir, descreve como ocorreram os procedimentos metodológicos utilizados de acordo com os objetivos específicos desta dissertação.

¹⁴Disponível em: <https://www.ifsc.edu.br/web/campus-gaspar/o-campus>. Acesso em: 06 dez. 2021.

¹⁵Disponível em: <https://www.ifsc.edu.br/web/campus-xanxere/o-campus>. Acesso em: 06 dez. 2021.

Figura 2 - Procedimentos metodológicos utilizados em acordo com os objetivos específicos



Fonte: Elaboração da autora (2022).

Descrição da imagem: A figura demonstra de forma ilustrativa as etapas: Análise das práticas inclusivas desenvolvidas no IFSC, 01 e uma imagem de uma lupa e um documento, Seleção das práticas inclusivas para produção de um recurso educacional, 02 e a imagem de um alvo, Planejamento e roteirização do recurso educacional, 03 e caixas de mensagens, Produção e divulgação do recurso educacional (*podcast*), 04 e a imagem de um computador, Avaliação do recurso educacional (*podcast*) 05 e imagens de polegar fazendo positivo.

Inicialmente analisou-se as práticas inclusivas que estão sendo desenvolvidas no IFSC, com base no Edital Proen 002/2019 de Compartilhamento de Práticas Educacionais Inclusivas. Feito isso, passou-se à seleção das práticas inclusivas para produzir a mídia educacional proposta nesta pesquisa. Sendo utilizado como critério os câmpus contemplados pelo edital, chegamos aos Câmpus Araranguá, Gaspar e Xanxerê. Nesta etapa, para aprofundar os conhecimentos sobre cada prática, fez-se a pesquisa na plataforma de Práticas Inclusivas, dos três câmpus mencionados, coletando os relatos dos coordenadores das mesmas e dos discentes que realizaram as ações.

A terceira etapa contemplou o planejamento dos *podcasts*. Foram feitos contatos com os coordenadores dos projetos e os participantes das equipes que executaram as ações, assim como o público-alvo dos projetos desenvolvidos. O intuito foi conhecer melhor as práticas realizadas para a criação dos roteiros dos *podcasts*, conforme modelo disposto no Apêndice A.

A etapa seguinte compreendeu a gravação e edição dos *podcasts*. Após o contato prévio com os entrevistados, formularam-se perguntas que eram enviadas e os mesmos gravaram suas respostas em áudio com o próprio celular. As falas foram

unidas aos episódios, sendo editados via ferramenta *Audacity*¹⁶. Na sequência, fez-se a hospedagem dos episódios em uma plataforma de *streaming* e criação e divulgação em mídias digitais.

Por fim, foi verificada a percepção da comunidade acadêmica acerca do produto educacional desenvolvido. Um questionário semiestruturado online foi aplicado com educadores da EPT. Assim, os *podcasts* desenvolvidos foram avaliados para verificar sua aplicabilidade no compartilhamento de práticas inclusivas. A avaliação envolveu as dimensões: Conteúdo, Aparência, Funcionalidade e Aplicabilidade do produto educacional concebido.

3.4 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS E AVALIAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

Para a avaliação do produto educacional elaborado nesta pesquisa, além de banca de qualificação e defesa, realizou-se a aplicação de um questionário semiestruturado online com educadores da EPT que avaliaram se as séries de *podcasts* encaixam-se como ferramenta viável ao compartilhamento de práticas inclusivas, analisando o conteúdo, a aparência, a funcionalidade e a aplicabilidade dos *podcasts*.

Tomando como base o modelo de avaliação de Ruiz *et al.* (2014) apud Leite (2018, p. 334), “para a construção de materiais de forma participativa [...] e realizar uma reflexão crítica acerca do que são materiais de comunicação/educação” utilizou-se o guia de perguntas a partir de cinco componentes: atração, compreensão, envolvimento, aceitação e mudança da ação.

Para detalhar cada item, exemplifica-se que a Atração consiste em verificar se os conteúdos do material são entendidos pelo grupo. A Compreensão implica em questionar se os conteúdos do material são entendidos pelo grupo. O Envolvimento averigua se o grupo reconhece o material como destinado a ele. A Aceitação permite confirmar se o enfoque, conteúdos e linguagem foram aceitos. Já a Mudança da ação busca comprovar se o material estimula uma mudança de olhar e

¹⁶O Audacity é um programa gratuito para gravação e edição de áudio, ideal para quem quer registrar faixas de música ou realizar modificações nelas. Com suas ferramentas, é possível acessar funções profissionais de um programa de edição, como criação de diferentes trilhas, adição de efeitos, renderização e mixagem (TECHTUDO, 2012).

atitude.

A partir desse norteador, o questionário de avaliação dos *podcasts* possui dez perguntas, sendo utilizado como modelo de avaliação a Escala Likert. A escala de verificação de Likert incide em assumir um construto e desenvolver um conjunto de afirmativas pertinentes à sua definição, para as quais os entrevistados enunciarão seu grau de concordância (SILVA JUNIOR; COSTA, 2014, p. 5).

A escala de Likert é definida por alguns autores como um “tipo de escala de atitude na qual o respondente indica seu grau de concordância ou discordância em relação a determinado objeto” (APPOLINÁRIO, 2007, p. 81). Para Silva Júnior e Costa (2014), outra vantagem apresentada pela Escala Likert é a sua simplicidade de aplicação, dado que o respondente opta por concordar ou não com uma determinada afirmação. Na Tabela 2 tem-se a exemplificação de como se dá a avaliação via Escala Likert:

Tabela 2 - Exemplo de Escala Likert

Discordo totalmente -	Discordo -	Indiferente (neutro) -	Concordo -	Concordo totalmente
1	2	3	4	5

Fonte: Elaboração da autora (2022).

A amostragem do público que realizou a avaliação compreendeu servidores, docentes e técnico-administrativos em educação dos Câmpus Araranguá, Gaspar e Xanxerê do IFSC, câmpus estes que foram objeto desta pesquisa com relação às suas práticas inclusivas.

O levantamento do público para validação foi feito via portal público Sistema Integrado de Gestão de Recursos Humanos (SIGRH) do IFSC, realizando a busca por câmpus, nome e *e-mail*. Foram enviados e-mails para realizar a avaliação da pesquisa para 110 servidores do Câmpus Araranguá, 111 do Câmpus Gaspar e 65 do Câmpus Xanxerê, totalizando 286 servidores. Também solicitou-se à coordenação do ProfEPT, do IFSC, o compartilhamento aos discentes do Programa, das quatro turmas, os quais somam 96 discentes, por também se enquadrarem como educadores da EPT.

O questionário de avaliação dos *podcasts* ficou disponível para validação desde o dia 11 de fevereiro de 2022 até o dia 07 de março de 2022, recebendo um total de 52 respostas. Cumpre salientar, que antes de responder ao questionário, o

público foi orientado a acessar e ouvir pelo menos um dos *podcasts* produzidos e que estão diretamente relacionados às práticas inclusivas realizadas nos câmpus participantes da pesquisa.

A análise do produto educacional, por parte dos educadores da EPT, mostrou-se extremamente relevante à sua aprovação e para coleta de sugestões de alteração futuras dos *podcasts* caso seja dada continuidade ao projeto. Além disso, foi fundamental a escolha do público para tal validação, uma vez que são os educadores da EPT os responsáveis por promover as práticas inclusivas dentro e fora da sala de aula. Sendo assim, a validação é de extrema importância tanto aos estudos na área, quanto ao aprimoramento das mesmas em aplicações futuras.

No próximo capítulo, intitulado Produto Educacional, será abordado a concepção, elaboração, aplicação e validação do produto.

4 PRODUTO EDUCACIONAL

O produto educacional é um requisito obrigatório à conclusão do curso de mestrado profissional, pois essa modalidade tem seu foco na aplicação do conhecimento e na pesquisa aplicada, devendo, portanto, obrigatoriamente, gerar um produto educacional (CAPES, 2016). Nas seções seguintes é detalhado o produto educacional construído nesta pesquisa.

4.1 CARACTERIZAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

Com base no documento da área Ensino (CAPES, 2016), este produto educacional caracteriza-se como uma mídia educacional e teve como foco desenvolver um recurso educacional aberto que pudesse contribuir para a disseminação das práticas inclusivas desenvolvidas no IFSC, sensibilizando a comunidade acadêmica quanto à importância da educação inclusiva e a criação de novas práticas.

De acordo com o disposto no documento, são considerados produtos educacionais para os mestrados profissionais protótipos educacionais e materiais para atividades experimentais, propostas de ensino, material textual, materiais interativos, atividades de extensão e mídias educacionais. Em relação a esta última, existe um leque de opções que podem ser aplicadas, tais como: vídeos, áudios, páginas de *internet*, jogos, etc (CAPES, 2016, p. 15).

Assim, dentre os produtos referenciados, o que melhor se enquadra para execução do produto educacional desta dissertação é o de mídias educacionais, sendo o áudio, neste caso o *podcast*, o recurso escolhido. O produto educacional desenvolvido objetivou desenvolver um recurso educacional aberto que possa contribuir para a disseminação das práticas inclusivas desenvolvidas no IFSC.

Para viabilizar o desenvolvimento do produto educacional desta pesquisa, foi submetido e executado o projeto de extensão intitulado Caçadores de Inclusão: *podcast* sobre práticas educacionais inclusivas, que ocorreu de setembro a dezembro de 2021. O projeto foi contemplado no Edital 14/2021 da Pró-Reitoria de Extensão do IFSC - Protagonismo Discente e contou com a atuação de cinco discentes extensionistas que participaram de todas as etapas, desde o

planejamento, criação de roteiros, entrevistas, edição e publicação do conteúdo produzido em mídias digitais e plataformas de reprodução de áudio.

4.2 TECNOLOGIA EMPREGADA E MEIO DE DIVULGAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

O *podcast* foi escolhido para ser a tecnologia empregada neste produto educacional, principalmente por se apresentar como uma mídia versátil e de fácil acesso. Sendo uma alternativa que contribui para o acesso à informação, pois uma de suas principais características é poder ser ouvido a qualquer momento e lugar (no ônibus, dentro do carro, em casa, etc.), visto que é o usuário quem tem o poder de escolha, pausar ou pular para o próximo episódio.

Outra vantagem é o seu apoio às pessoas que precisam de um tempo diferenciado para assimilar informações, como as pessoas com deficiência intelectual e aqueles que não possuem acesso ao ensino remoto. Além disso, o uso de recursos com áudio nas práticas pedagógicas têm entre suas vantagens a utilização para a flexibilização de uma didática metodológica na construção dos saberes.

A hospedagem dos *podcasts* foi feita no *site Anchor*¹⁷ que distribui para nove plataformas de *streaming*, sendo o *Spotify*¹⁸ a que mais se destaca em alcance e audiência pelos ouvintes. Para a divulgação dos *podcasts* foi criado um site, que serviu como repositório dos episódios, no *site Wix.com*, sob o domínio <https://cacadoresdeinclusa.wixsite.com/my-site>, como forma de facilitar o acesso do público ouvinte, sendo direcionado ao *Spotify*. Outras estratégias também foram utilizadas para divulgação, como a criação de um *Instagram* com postagens semanais e divulgação nos canais de divulgação do IFSC, redes sociais (*Facebook* e *Instagram*) e site institucional.

4.3 ELABORAÇÃO E APLICAÇÃO

Para a concepção e elaboração do produto educacional, foi submetido um

¹⁷*Anchor* é uma plataforma gratuita para iniciantes em criação de *podcasts* que permite aos usuários gravar e editar áudio, inclusive pelo celular, organizá-lo em episódios e publicar em plataformas de *streaming*.

¹⁸O *Spotify* é um serviço digital que dá acesso instantâneo a músicas, *podcasts*, vídeos e outros conteúdos. O *Spotify* está disponível em dispositivos, incluindo computadores, celulares, tablets, alto-falantes, TVs e carros.

projeto de extensão ao Edital da Pró-Reitoria de Extensão e Relações Externas, PROEX 14/2021 – Protagonismo Discente, o qual foi contemplado pelo Câmpus Araranguá apenas com auxílio ao discente extensionista, não havendo recurso financeiro ao projeto. Assim, o projeto teve a sua execução durante os meses de setembro a dezembro de 2021 e contou com cinco discentes extensionistas, dois professores e a autora desta pesquisa na coordenação do referido projeto. Sendo dois discentes do Curso Técnico Integrado em Eletromecânica, uma discente do Curso Superior de Tecnologia em Design de Moda e duas discentes do Curso de Licenciatura em Física. Na Figura 3 apresenta-se a equipe de discentes junto à coordenadora do projeto de extensão que desenvolveram a série de *podcasts*:

Figura 3 - Equipe do projeto de extensão



Fonte: Acervo da autora (2022).

Descrição da imagem: *Selfie* de seis pessoas usando máscaras de proteção no laboratório de mídias com banner do IFSCIENCE ao fundo. Alunos estão sentados em volta de uma mesa, com notebook, microfone e uma televisão em cima da mesa.

Dentre os objetivos do projeto de extensão estavam: analisar as práticas inclusivas que estão sendo desenvolvidas no IFSC; selecionar as práticas inclusivas para produzir os *podcasts*; elaborar o planejamento dos *podcasts* sobre educação inclusiva; realizar a gravação e edição dos *podcasts* sobre as práticas inclusivas no IFSC; e disponibilizar os *podcasts* em plataforma de *streaming*, como o *Spotify*.

Referente à seleção das práticas para gravação dos *podcasts* foram elencadas as seguintes:

- Em busca de uma sala de aula inclusiva: curso introdutório de eletromecânica em Libras (Câmpus Araranguá);
- IFSC em movimento: transformando cadeiras e vidas (Câmpus Araranguá);
- Projeto mão na roda (para o acelerador): motorização de cadeira de rodas manuais (Câmpus Araranguá);
- Material inclusivo para cegos no ensino de parasitologia e promoção à saúde (Câmpus Gaspar);
- Experiência de inclusão de aluno com Transtorno do Espectro Autista (Câmpus Xanxerê).

Além dos episódios de relatos das práticas inclusivas, percebeu-se a necessidade de incluir episódios complementares para compor a série, dentre eles foram produzidos episódios sobre as temáticas: práticas inclusivas, legislação, capacitismo e terminologias, Língua Brasileira de Sinais e transtorno do espectro autista.

Quanto às entrevistas para os *podcasts*, parte delas foram realizadas no laboratório de mídias do IFSC Câmpus Araranguá, com a utilização de microfones próprios para captação de áudio, quando estas se trataram de projetos do próprio Câmpus, e parte dos entrevistados gravaram com o próprio celular e enviaram via aplicativo de *WhatsApp*, quando se trataram de entrevistas dos demais Câmpus, como Gaspar e Xanxerê.

Para a edição dos *podcasts* optou-se por utilizar o software *Audacity*, já que ele contém ferramentas de edição avançadas, com a possibilidade de inserção de *jingle* personalizado e mais efeitos de edição, como a eliminação de ruídos, por exemplo. O *Audacity* é um *software* livre e de acordo com Saidelles et. al (2019), permite aos educadores tornarem suas atividades ativas e protagonizadas pelos estudantes.

O *Audacity* é um editor e gravador de áudio distribuído gratuitamente, tendo como característica possibilitar a criação de diversos produtos áudio, como música, documentários, *podcasts*, o *software* possibilita para o usuário: Capturar som ao vivo, transformar gravações analógicas em gravações digitais; editar arquivos em formato Ogg Vorbis, Flac, MP3 e WAV; cortar, copiar, colar, juntar sons e faixas de áudio; Aplicar Efeitos (SAIDELLES et. al, 2019, p. 5).

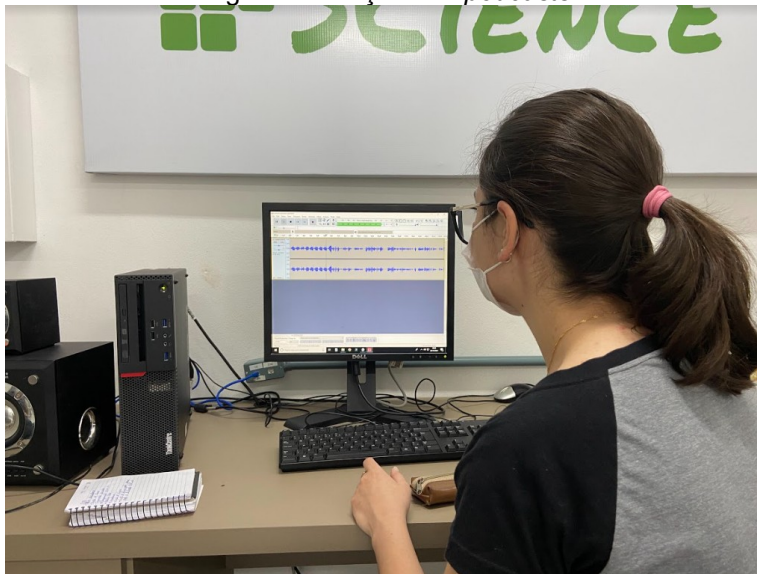
No conjunto de Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), o Audacity é utilizado no processo de ensino e aprendizagem por se tratar de um recurso “que pode ser usado no ambiente educacional para a produção e registro de textos dos alunos em forma de áudio” (SAMPAIO, 2015, p.11 apud YAMAGUCHI; BARRETO, 2021, p. 4).

Já a hospedagem dos episódios deu-se no *site Anchor* que distribui para nove plataformas de *streaming*, incluindo o *Spotify*, utilizado como plataforma principal de *streaming* para disponibilização e divulgação dos *podcasts*. Segundo a Associação Brasileira de Podcasters¹⁹ (2021), no Brasil as plataformas mais usadas são o *Anchor*, *Blubrry*, *Spreaker* e *Podcloud*, porém existem diversas opções, sejam gratuitas ou pagas.

Segundo Klering *et al.* (2021, p. 110), o *site Anchor* pode ser acessado tanto pelo computador quanto pelo celular, baixando o aplicativo. “É só entrar, fazer o cadastro e seguir o passo a passo do aplicativo. É bastante intuitivo. O *Anchor* tem a vantagem de ser interligado ao *Spotify*, assim, você produz no *Anchor* e publica no *Spotify*” (KLERING *et al.* 2021, p. 110).

Também foi criado um *site* apenas para repositório dos episódios, no *site Wix.com*, sob o domínio <https://cacadoresdeinclusa.wixsite.com/my-site>, como forma de facilitar o acesso do público ouvinte e direcioná-lo ao *Spotify*. Na Figura 4, uma das bolsistas do projeto está utilizando o programa *Audacity* para edição dos episódios.

¹⁹Disponível em: <https://abpod.org/podpesquisa/>. Acesso em 31 ago. 2022.

Figura 4 - Edição dos *podcasts*

Fonte: Acervo da autora (2022).

Descrição da imagem: Bolsista do projeto está em frente ao computador utilizando o programa de edição dos *podcasts*.

Por fim, criou-se uma conta para o projeto no *Instagram*, o qual contém o *link* de acesso aos *podcasts*, na descrição da biografia, registro de fotos das gravações, entrevistas e edições, além das capas de cada episódio publicado. O que deu maior visibilidade ao projeto, uma vez que a cada publicação ou episódio lançado mencionava-se, além dos membros da ação, o *Instagram* do IFSC e do Câmpus Araranguá. Sendo que este último replicava a postagem em seu perfil institucional. Na Figura 5 dispomos a página do projeto no *Instagram*.

Figura 5 - Página do Instagram



Fonte: Elaboração da autora (2022).

Descrição da imagem: *Print* da tela da página do projeto de extensão no *Instagram*.

Antes de iniciar as gravações, foram feitos encontros síncronos via *Google Meet* com os discentes extensionistas para delimitação e planejamento das ações a serem desenvolvidas. Ainda nos encontros síncronos, houve a participação da professora Nathalie Minuzzi, que atuou como docente temporária no CERFEAD na Especialização em Tecnologias para Educação e que fez a explanação aos discentes extensionistas sobre a criação, produção e edição de *podcasts*.

Cabe destacar que durante as ações citadas acima, o Câmpus Araranguá

encontrava-se na Fase 2 da Política de Saúde Sanitária (PSS) do IFSC, o que impedia o acesso ao câmpus para utilização do laboratório de mídias. Com o acionamento da Fase 3 da PSS, em 06 de outubro de 2021, foi possível então que os membros da equipe tivessem acesso ao laboratório tanto para planejamento, gravação e edição, quanto para realização das entrevistas com os docentes e discentes que atuaram nas práticas inclusivas, seguindo as normas de segurança sanitárias.

Nas reuniões presenciais iniciais, que compreenderam o planejamento dos *podcasts*, os discentes fizeram a criação de uma logomarca para caracterizar o projeto. Tal logomarca possui o Símbolo Internacional de Acessibilidade criado pela Organização das Nações Unidas (ONU) e um fone de ouvido, nas cores verde, preto e vermelho, que são as cores utilizadas pelo Labta no Câmpus Araranguá. O Símbolo Internacional de Acessibilidade compreende uma figura simétrica conectada por quatro pontos a um círculo, que representa a harmonia entre o ser humano e a sociedade, e com os braços abertos, simboliza a inclusão de pessoas com todas as habilidades (MOVE MAIS, 2022).

Na Figura 6, apresenta-se a logomarca do projeto Caçadores de Inclusão, que foi produzida pela equipe.

Figura 6 - Logomarca do projeto de extensão



Fonte: Acervo da autora (2022).

Descrição da imagem: Logomarca do projeto com o símbolo internacional de acessibilidade ao centro e um fone de ouvido em volta.

Na Figura 7, as bolsistas do projeto entrevistam um dos docentes que

participou da execução do projeto de motorização de cadeira de rodas do Câmpus Araranguá, que foi uma das práticas relatadas:

Figura 7 - Entrevista com docente do câmpus



Fonte: Acervo da autora (2022).

Descrição da imagem: *Selfie* da gravação da entrevista com um professor que executou uma das ações no laboratório de mídias. Na foto estão duas alunas e um professor.

Na Figura 8 umas das bolsistas entrevista um discente do curso integrado em eletromecânica sobre as suas experiências referentes à educação especial no IFSC para o episódio Capacitismo e Terminologias.

Figura 8 - Entrevista com discente do câmpus



Fonte: Acervo da autora (2022).

Descrição da imagem: A bolsista do projeto entrevista um discente no laboratório de mídias com microfones e um notebook na mesa.

Também foi possível, nesta etapa, a realização de entrevistas presenciais com a comunidade externa que recebeu e validou as práticas inclusivas. Na Figura 9, demonstra-se a entrevista feita por uma das bolsistas que foi até a casa de uma das pessoas que recebeu a cadeira de rodas personalizada pelo projeto do Câmpus Araranguá.

Figura 9 - Entrevista com comunidade externa



Fonte: Acervo da autora (2022).

Descrição da imagem: Entrevista na casa de uma pessoa cadeirante que recebeu uma cadeira personalizada pelo projeto do IFSC. Na foto, a bolsista e a entrevistada estão sentadas e há um microfone em cima da mesa.

Tal liberação facilitou a execução do projeto, uma vez que os discentes tinham dias determinados, terça-feira pela manhã, sexta-feira à noite e quando necessário às quintas-feiras pela manhã para se dedicarem ao planejamento, ao agendamento das entrevistas, à gravação e à edição. Além de poderem utilizar, como mencionado, os microfones específicos para captação de áudio, o que deu mais qualidade ao som dos episódios, conforme demonstrado nas Figuras 10 e 11 abaixo.

Figura 10 - Gravação dos *podcasts*

Fonte: Acervo da autora (2022).

Descrição da imagem: Três discentes estão no laboratório de mídias ensaiando suas falas para gravação, sentados à mesa com microfones em cima e ao fundo uma televisão com o nome e a logomarca do projeto na tela.

Figura 11 - Gravação dos *podcasts*

Fonte: Acervo da autora (2022).

Descrição da imagem: Na foto estão duas bolsistas do projeto escrevendo no roteiro os ajustes para gravação dos episódios.

A seguir, no Quadro 1, descreve-se como ocorreram as etapas de execução do projeto de extensão bem como as publicações dos episódios, elencados por ordem cronológica:

Quadro 1 - Cronograma de atividades do projeto de extensão Caçadores de Inclusão

Data	Atividade	Encaminhamento/Observações
27/09/2021	Primeiro encontro síncrono do projeto: apresentação do projeto e conversa com bolsistas.	Apresentação dos membros do grupo e do projeto de extensão (como vai ocorrer, período, objetivos, etc). Saneamento de dúvidas.
05/10/2021	Segundo encontro síncrono do projeto: aprendendo sobre planejamento e roteiro.	Participação da Professora Nathalie Minuzzi para conversa com os discentes extensionistas quanto à criação de roteiros com dicas de como escrever um roteiro, como gravar, entonação, organização de cenas com o texto, inserção de sons e efeitos e sobre o uso de elementos surpresa e histórias contadas de forma a causar empatia no ouvinte.
21/10/2021	Terceiro encontro síncrono do projeto: planejamento.	Planejamento dos <i>podcasts</i> : tema; definir o estilo; público; entrevistados dos <i>podcasts</i> e fazer o convite; criação dos roteiros; definição do <i>software</i> a ser utilizado; definição dos equipamentos a serem utilizados; definição da equipe de produção, gravação, edição, criação de artes e compartilhamento nas redes sociais.
26/10/2021 e 29/10/2021	Encontro no Laboratório de Tecnologia Assistiva (Labta) e Mídias - Câmpus.	Bolsistas conheceram o Laboratório de Tecnologia Assistiva e Mídias e realizaram reunião de planejamento.
02/11/2021	Encontro no Laboratório de Mídias.	Criação de artes para os <i>podcasts</i> , criação de conta no site Anchor (hospedagem dos <i>podcasts</i> e distribuição para plataformas), criação de Instagram e <i>site</i> para repositório de <i>links</i> .
05/11/2021	Encontro no Laboratório de Mídias.	Gravações.
09/11/2021	Encontro no Laboratório de Mídias.	Criação de artes para os <i>podcasts</i> .
11/11/2021	Encontro no Laboratório de Mídias.	Entrevista com discente - episódio sobre capacitismo.
12/11/2021	Encontro no Laboratório de Mídias.	Gravações e entrevista com participante de projeto - episódio sobre libras.
16/11/2021	Encontro no Laboratório de Mídias.	Criação de artes para os <i>podcasts</i> e entrevista com participante de projeto - episódio sobre cadeira de rodas.
19/11/2021	Encontro no Laboratório de Mídias.	Gravações.
23/11/2021	Encontro no Laboratório de Mídias.	Criação de artes para os <i>podcasts</i> e entrevista com participante de projeto - episódio sobre cadeira de rodas.
26/11/2021	Encontro no Laboratório de Mídias.	Gravações.
30/11/2021	Encontro no	Criação de artes para os <i>podcasts</i> .

	Laboratório de Mídias.	
03/12/2021	Encontro no Laboratório de Mídias.	Gravações e encontro de encerramento.

Fonte: Elaboração da autora (2021).

Sobre a hospedagem dos episódios, após o processo de edição dos *podcasts* eles foram inseridos no *site Anchor*, como mencionado, o qual distribui para nove plataformas de *Streaming* (*Spotify*, *Apple Podcasts*, *Google Podcasts*, *Overcast*, *Breaker*, *Castbox*, *Pocket Casts*, *RadioPublic* e *Stitcher*) sendo o *Spotify* a principal delas por ser atualmente a plataforma com maior alcance e distribuição de conteúdo no Brasil e no mundo. De acordo com Sousa (2021), o *Spotify* possui três recursos de acessibilidade disponíveis em aplicativo móvel para celular: botões mais legíveis, textos com tamanhos ajustáveis e transcrição de *podcasts*. Abaixo, nas Figuras 12 e 13, demonstramos a *interface* dos episódios no *Spotify*, visto tanto pelo celular quanto pelo site no computador.

Figura 12 - Interface dos episódios no *Spotify* visto pelo celular



Fonte: Elaboração da autora (2022).

Descrição da imagem: *Print* da página dos *podcasts* disponível no *Instagram*.

Na Figura 13 apresenta-se a página dos episódios disponíveis no *Spotify*

visto pelo computador:

Figura 13 - Interface dos episódios no *Spotify* visto pelo computador



Fonte: Elaboração da autora (2022).

Descrição da imagem: Página dos episódios disponíveis no *site Spotify*.

As postagens dos episódios foram programadas para acontecer semanalmente, iniciando no dia 11 de novembro de 2021 com o episódio #000 e encerrando no dia 13 de dezembro de 2021 com o episódio #010. A utilização da *hashtag* junto ao número do episódio justifica-se como estratégia de divulgação, uma vez que o símbolo faz com que os ouvintes encontrem mais facilmente as publicações do *podcast* em questão.

Apresentam-se no Quadro 2 as datas de publicação dos episódios por tema:

Quadro 2 - Cronograma de publicação dos episódios do *podcast* Caçadores de Inclusão

Data	Episódio	Tema
11/11/2021	#000	Episódio de apresentação do projeto de extensão e da equipe
16/11/2021	#001	Leis e Educação inclusiva
22/11/2021	#002	Práticas inclusivas e formação de professores
24/11/2021	#003	Capacitismo e Terminologias
26/11/2021	#004	Libras parte 1: projeto Câmpus Araranguá

29/11/2021	#005	Libras parte 2: Câmpus Palhoça Bilingue
03/12/2021	#006	Autismo: projeto Câmpus Xanxerê
06/12/2021	#007	Projeto cadeira de rodas - parte 1
08/12/2021	#008	Projeto cadeira de rodas - parte 2
10/12/2021	#009	Práticas para cegos: projeto Câmpus Gaspar
13/12/2021	#010	Episódio de Encerramento

Fonte: Elaboração da autora (2021).

Cabe destacar que o *site Anchor*, além de distribuir para plataformas de *streaming*, possibilita o monitoramento e análise do alcance de cada episódio. São apresentados ao criador dos conteúdos dados estatísticos como: número de reproduções (por mês, semana e dia), episódios mais escutados, países de alcance, sendo que no Brasil é listado por estados, plataformas de *streaming* em que foi escutado, gênero (feminino, masculino, não especificado e não binário) e idade (escala de zero a 60 anos ou mais).

Todas as informações que o *site* disponibiliza fazem parte das métricas para verificar o alcance dos *podcasts* e que podem ser utilizados para o aprimoramento dos mesmos. Bem como é possível extrair relatórios do número de reproduções por episódio, avaliando assim quais temas tiveram maior alcance, por exemplo. Na próxima seção, descreve-se sobre o registro, utilização e acesso do produto educacional.

4.4 REGISTRO, UTILIZAÇÃO E ACESSO

O Registro do Produto educacional, que expressa a sua vinculação a um sistema de informações em âmbito nacional ou internacional, deu-se via hospedagem dos *podcasts* em um serviço de *streaming* de áudio gratuito, na plataforma *Anchor*. Além disso, após a validação obrigatória por meio de banca de defesa, todo conteúdo de acesso livre permanece disponível *on-line*, em redes abertas, especialmente em repositório, a exemplo do Portal eduCapes.

O eduCAPES é um portal de objetos educacionais abertos para uso de alunos e professores da educação básica, superior e pós-graduação que busquem aprimorar seus conhecimentos. O eduCAPES Engloba em seu acervo milhares de objetos de aprendizagem, incluindo textos, livros didáticos, artigos de pesquisa, teses, dissertações, videoaulas, áudios, imagens e quaisquer outros materiais de pesquisa e ensino que estejam licenciados de maneira aberta, publicados com autorização expressa do

autor ou ainda que estejam sob domínio público (CAPES, 2022).

Além disso, o perfil do projeto no *Instagram* e a conta no *Spotify* serão mantidos ativos para continuidade do projeto, uma vez que a comunidade acadêmica avaliou e sugeriu pela manutenção da ação. A intenção é submeter um novo projeto de extensão aos Editais do IFSC, que, conforme demonstrado, foi fundamental para o protagonismo discente na execução do projeto e a interação com a comunidade externa.

5 APRESENTAÇÃO DOS DADOS

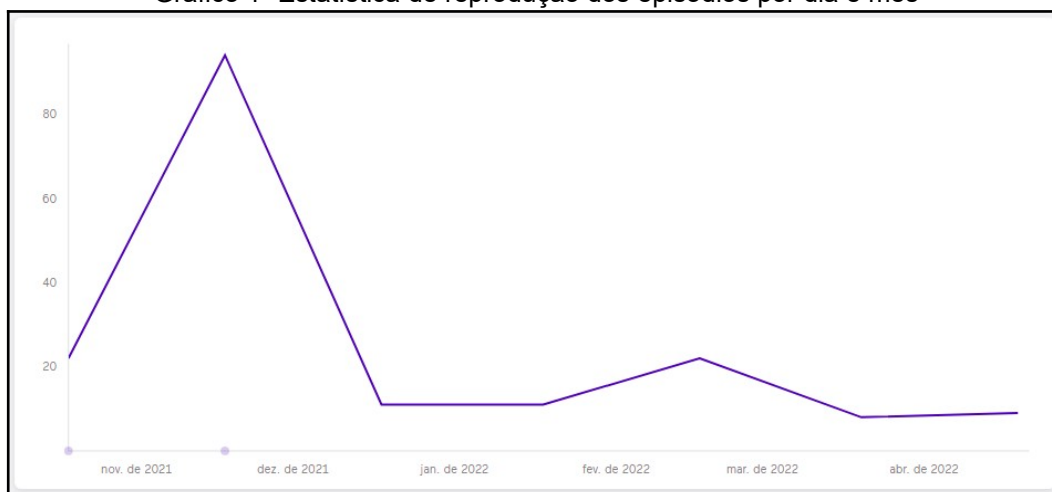
Os dados apresentados neste capítulo contemplam análises relacionais do produto educacional desenvolvido a partir dos saberes levantados na fundamentação teórica desta pesquisa. Para tanto, são explorados os conteúdos de cada *podcast* elaborado (textos narrados em formato de áudio) e a avaliação destas mídias a partir da coleta das opiniões de profissionais que atuam na EPT acerca do produto educacional concebido.

Cabe destacar que anteriormente à aplicação do produto educacional, os *podcasts* foram inseridos nas plataformas de *streaming Anchor* e *Spotify* e, dessa forma, permanecem disponíveis para escuta do público em geral. Esses dados de acesso são apresentados e compõem este capítulo.

A plataforma de *streaming Anchor* disponibiliza uma série de métricas para compreender o público que ouve e como interage com o *podcast*. Elas referem-se às informações de quem consome o conteúdo e podem incluir dados agregados dos ouvintes, como localização, idade e outras informações demográficas (ANCHOR, 2022).

O primeiro dado verificado é quanto ao número de reproduções, o qual se percebe que manteve uma frequência de ouvintes nos meses em que houve publicações constantes dos episódios, sendo uma média de 22 reproduções entre os meses de outubro e novembro de 2021, aumentando o alcance para até 94 reproduções entre novembro e dezembro de 2021 e tendo uma queda nos meses seguintes em que não houve mais publicações, mas mantendo-se entre 10 a 22 reproduções por mês, conforme demonstra a Gráfico 1.

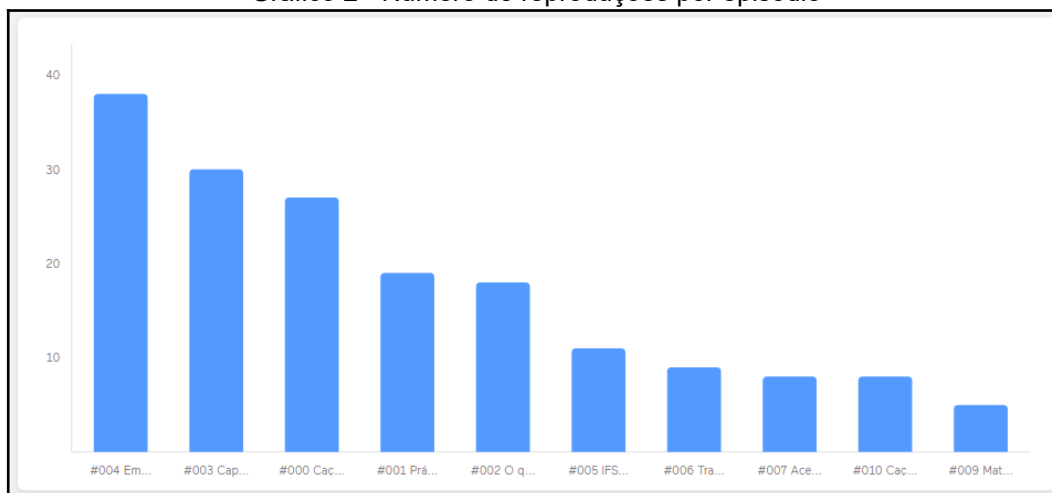
Gráfico 1- Estatística de reprodução dos episódios por dia e mês



Fonte: Elaboração da autora (2022).

Outro dado relevante é sobre os episódios mais escutados, eles apontaram que o episódio #004 Em busca de uma sala de aula inclusiva - Libras e o episódio #003 sobre Capacitismo e terminologias obtiveram o maior número de reproduções, sendo 38 e 30 reproduções respectivamente. No Gráfico 2 traz-se o quantitativo de reproduções por episódio.

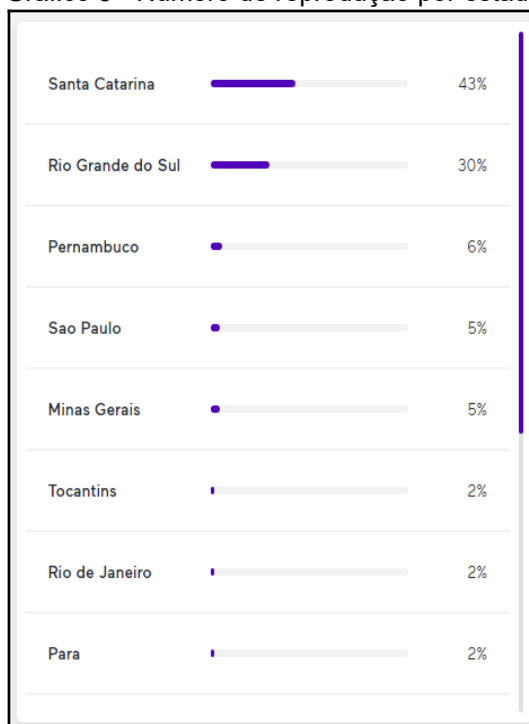
Gráfico 2 - Número de reproduções por episódio



Fonte: Elaboração da autora (2022).

Quanto ao país de reprodução dos *podcasts* a predominância foi o Brasil, sendo escutado preferencialmente pelo estado de Santa Catarina 43%, seguido pelo Rio Grande do Sul 30%, Pernambuco 6%, São Paulo 5% e Minas Gerais 5%. O Gráfico 3 a seguir demonstra essa porcentagem por estado:

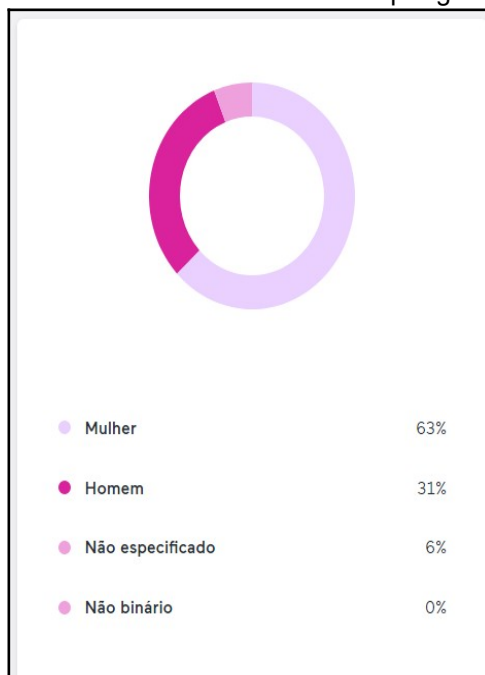
Gráfico 3 - Número de reprodução por estado



Fonte: Elaboração da autora (2022).

Nos dados de ouvintes por gênero há predominância do feminino, com 63%, seguido por masculino 31%, não especificado 6% e não binário 0%. As estatísticas estão dispostas no Gráfico 4:

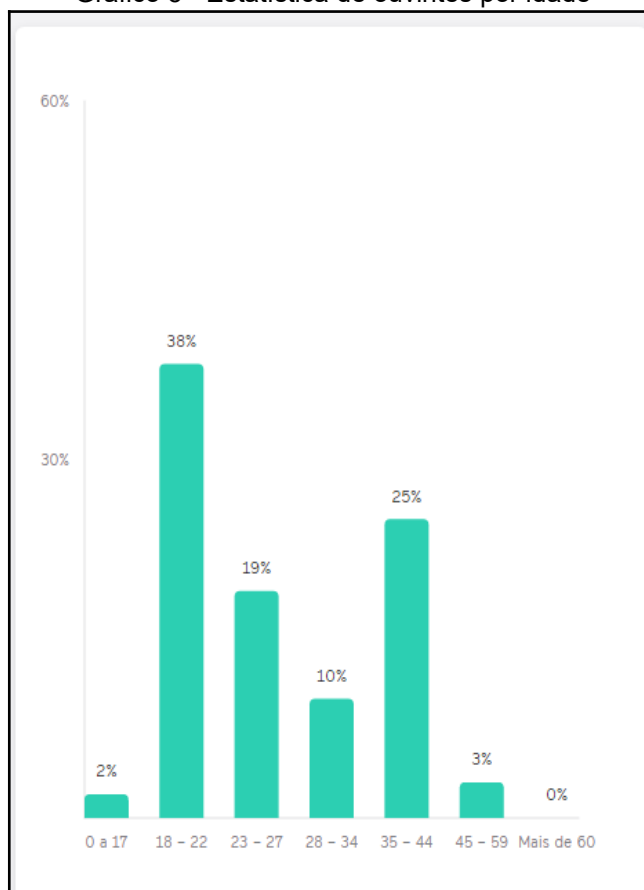
Gráfico 4 - Estatística de ouvintes por gênero



Fonte: Elaboração da autora (2022).

No que se refere à idade dos ouvintes por episódio, os dados apontam para um público entre 18 e 22 anos com 38% do total, seguido por 23 a 27 anos com 19%, entre 28 e 34 anos com 10%, e 34 a 44 anos com 25%, conforme mostra o Gráfico 5:

Gráfico 5 - Estatística de ouvintes por idade



Fonte: Elaboração da autora (2022).

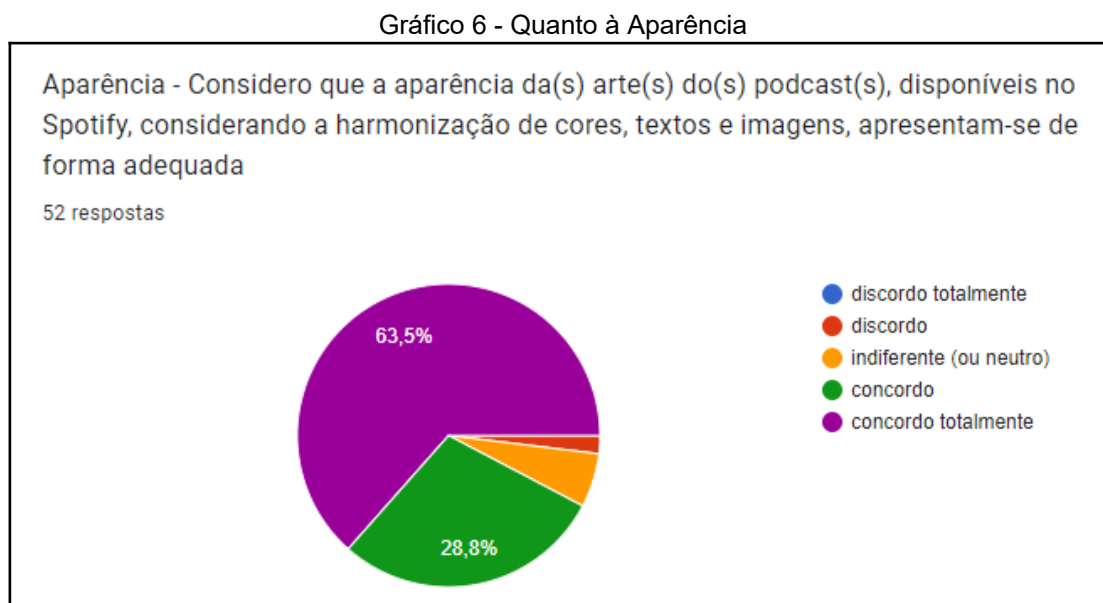
Após a finalização do projeto de extensão e, posteriormente, a produção e postagem dos episódios no *Spotify*, foi preparado o questionário de validação dos *podcasts* que foi enviado aos educadores da rede federal, sendo o público-alvo os Câmpus que tiveram suas práticas relatadas na série de *podcasts*, Araranguá, Gaspar e Xanxerê e os alunos do mestrado ProfEPT.

Finalizadas as avaliações dos *podcasts* por parte dos educadores, as respostas completas dos questionários foram compiladas no Apêndice C, sendo apresentados abaixo de acordo com a ordem das perguntas no formulário eletrônico. Os gráficos das perguntas estão distribuídos na mesma ordem em que as mesmas estavam elencadas no formulário de avaliação, sendo que tal formulário

está disposto no Apêndice B.

A análise dos dados do questionário aplicado aos educadores permitiu comparar o relato das práticas inclusivas realizadas pelos Câmpus, foco dos *podcasts*, com as ações realizadas nos três câmpus do IFSC, Araranguá, Gaspar e Xanxerê, contribuindo para a promoção de práticas educacionais na perspectiva inclusiva.

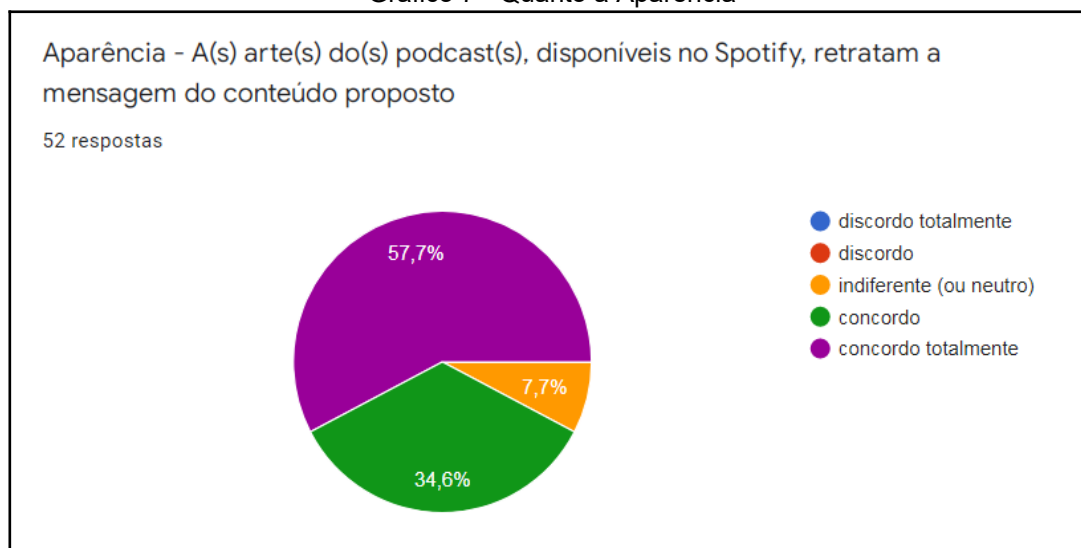
Conforme demonstrado na primeira pergunta, no que diz respeito à aparência das artes dos *podcasts*, considerando as cores, textos e imagens, se a apresentação estava de forma adequada, 63,5% concordaram totalmente, 28,8% concordaram, sendo 5,8% indiferente (neutro) e 1,9% discordo. Observou-se que a maioria das avaliações foram positivas neste item, conforme dispõe a Gráfico 6 a seguir:



Fonte: Elaboração da autora (2022).

Ainda sobre a aparência, constatou-se que as artes retratam a mensagem do conteúdo proposto, ou seja, o tema de cada episódio sintetizado em texto e imagem. Assim, as respostas dos avaliadores concentraram-se nas opções: concordo totalmente 57,7%, concordo 34,6% e indiferente (neutro) 7,7%, demonstrando que as artes foram apresentadas de maneira adequada e cumprindo o seu papel de retratar em síntese cada episódio, conforme o Gráfico 7.

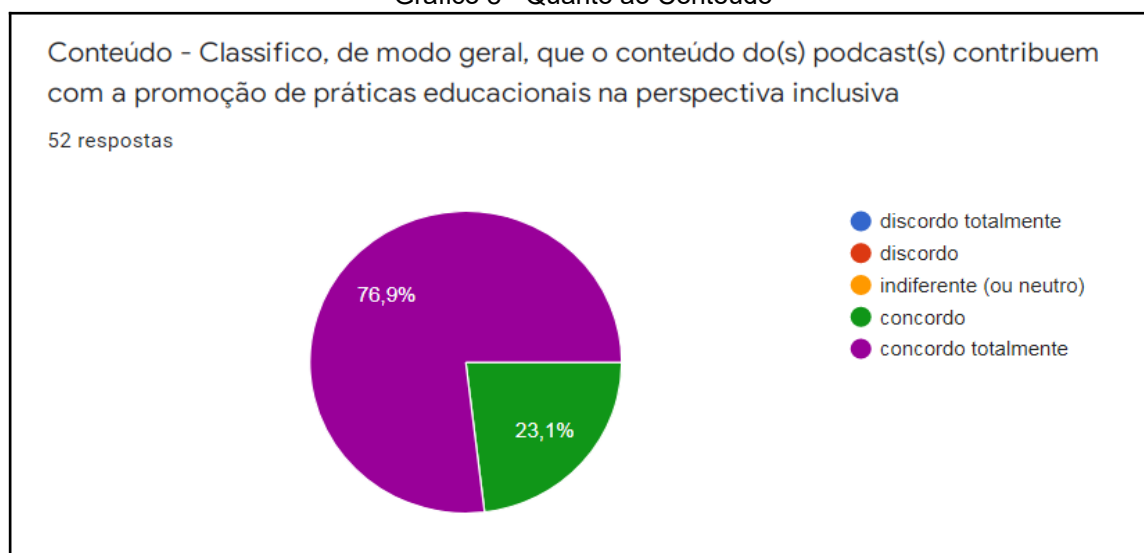
Gráfico 7 - Quanto à Aparência



Fonte: Elaboração da autora (2022).

Acerca da classificação do conteúdo, se contribui para a promoção de práticas educacionais na perspectiva inclusiva, os avaliadores consideram como: concordo totalmente 76,9% e concordo 23,1%, conforme o Gráfico 8.

Gráfico 8 - Quanto ao Conteúdo



Fonte: Elaboração da autora (2022).

No que concerne à avaliação do conteúdo, verificou-se, conforme o *podcast* #009 - Material inclusivo para pessoas com deficiência visual, o que Seiffert (2019)

compreende como sendo uma prática educacional inclusiva, quando esta é planejada e executada com foco nos estudantes, considerando-os como sujeitos ativos no processo de aprendizagem, o qual acolhe a diversidade existente para que todos acessem os conteúdos escolares e participem das propostas pedagógicas. Tal afirmação também é ratificada pela entrevista com o coordenador da ação professor Marcelo Elias, conforme trecho abaixo que explica como foi realizada a prática:

Como que nós iríamos incluir uma pessoa com baixa visão ou cego se ele não pudesse participar deste momento de ter esse contato com o parasito? E a partir disso, então veio uma proposta de confeccionarmos esses modelos de parasitos a partir de biscoito em uma escala macroscópica. Então a gente aumentava o tamanho do parasito e confeccionava ele em biscoito, e nós então confeccionamos 12 modelos, ou sejam 12 parasitos, que se estudam dentro da parasitologia, no ensino médio e até no ensino superior. Para confeccionar esses dois modelos, a gente utilizou as imagens dos Atlas de Parasitologia e depois de confeccionar, a partir de algumas estruturas bem evidenciadas, que a gente geralmente marca no microscópio para procurar identificar o parasito, nós fizemos uma parceria com a Sociedade Cultural Amigos do Centro Braille para que eles validassem os nossos modelos. E aí a gente fez uma reunião com eles, com a primeira leva dos modelos prontos, e eles foram falando: Olha, vocês estão falando que deveríamos observar e perceber isso, mas a gente não está percebendo. E aí a gente foi adaptando e colocando conforme as adequações que eles iriam nos sugerindo, uma vez que eles eram os nossos públicos alvos, porque eram pessoas com baixa visão ou cegos.

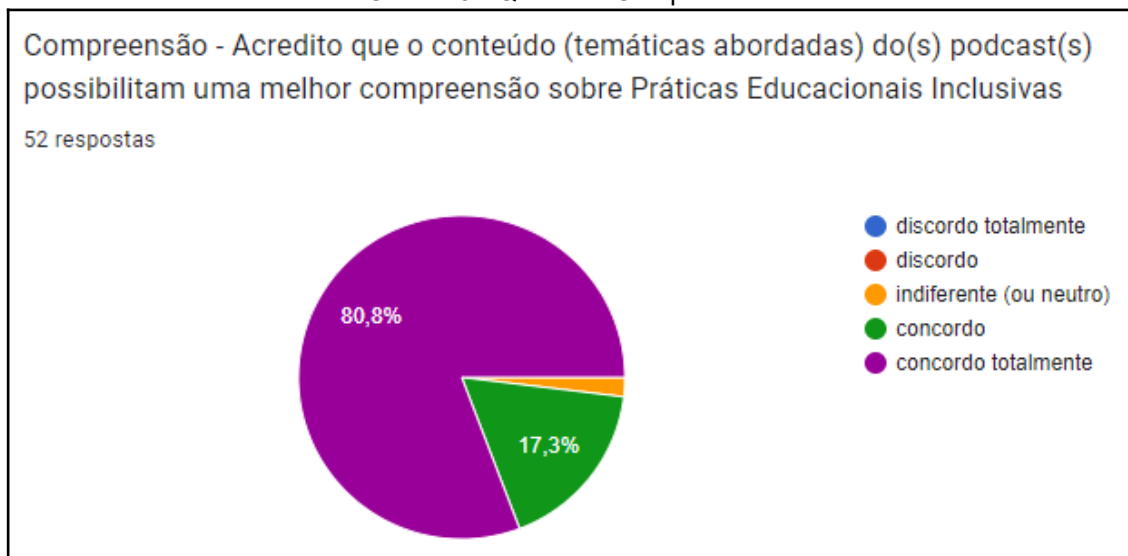
A abordagem inclusiva, a qual considera o aluno no processo de aprendizagem, também é identificada no *podcast* #006 - Transtorno de Espectro Autista, do Câmpus Xanxerê. O episódio relata a prática Experiências de Inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista. O projeto, coordenado pelo professor Antonio Luiz Gubert, desenvolveu uma prática para que um aluno autista conseguisse desenvolver as atividades de redação utilizando a matemática como mecanismo, disciplina com a qual o aluno se identificava e desenvolvia com mais facilidade, conforme relato do trecho da entrevista do professor a seguir:

Ensinei para ele utilizar os operadores argumentativos, que são aquelas palavras que são usadas para dar o encadeamento das ações, encadeamento dos textos, e aí também delimitava com ele. Eu falei: Olha, você precisa usar tantas palavras, tantos operadores argumentativos aqui nesse texto. Essas daqui são de introdução. Essas daqui são mais para o desenvolvimento e essas aqui são mais de conclusão. Então você tenta encaixá-las. E aí foi muito interessante porque ele conseguiu utilizá-las de uma maneira adequada a partir dessa lista fornecida. E novamente conseguiu perceber então que não era tão difícil escrever um texto

dissertativo argumentativo. Bastava com que ele entendesse aquele texto como uma matemática, como um conjunto de ações.

Sobre a compreensão do conteúdo, se acreditam que as temáticas dos *podcasts* possibilitam uma melhor compreensão sobre as práticas inclusivas, 80,8% concordam totalmente, 17,3% concordam e 1,9% responderam como indiferente ou neutro. O Gráfico 9 a seguir demonstra o percentual das avaliações neste item.

Gráfico 9 - Quanto à Compreensão



Fonte: Elaboração da autora (2022).

Outro *podcast* que se relaciona com a fundamentação teórica desta dissertação, e que está ratificado no Gráfico 10 quando se trata da compreensão sobre práticas educacionais inclusivas, é o episódio #004 Em busca de uma sala de aula inclusiva - Libras, que relata o projeto do Câmpus Araranguá intitulado Em busca de uma sala de aula inclusiva: curso introdutório de eletromecânica em Libras. Neste *podcast* foi entrevistado o intérprete de Libras Anderson Nunes, que fez a interpretação de uma aula da disciplina de CAD (*Computer Aided Design*) português: desenho assistido por computador, do curso técnico em eletromecânica para três convidados surdos, pertencentes à Associação de Surdos do município.

A cada semana os alunos visitam um laboratório técnico para conhecer um pouco mais a dinâmica e as práticas do curso. E aí os professores faziam uma mini aula gravada e aí eu fazia a tradução dessa aula para também estar disponível para aqueles discentes surdos que porventura estivessem matriculados no curso. A gente chamou a comunidade surda para assistir essa aula inaugural da disciplina de CAD. Então foi bem legal. Ali o pessoal veio, gostou muito, elogiou muito, disse que o trabalho estava bem legal, estava a parte de tradução, estava bem coerente. Ali também elogiaram a iniciativa da gente se preocupar com a parte da inclusão. É outro momento

que eu diria que atingiu as expectativas. Foi o fato que, a partir daí, a gente conseguiu a matrícula de uma pessoa surda.

Tal ação, ao promover uma aula inclusiva ao público surdo, relaciona-se com o que Souza, Cunha e Magalhães (2013) destacam, isto é, que o professor, na perspectiva de uma educação inclusiva, não é aquele que “diversifica” para alguns, mas aquele que prepara suas atividades diversas para os seus estudantes ao trabalhar um mesmo conteúdo curricular.

Na pergunta seguinte do formulário, ainda sobre a compreensão, os educadores avaliaram se ao ouvir pelo menos um episódio foi possível aprofundar conhecimentos relacionados à temática do referido episódio sobre práticas educacionais inclusivas. Como resposta, tem-se o percentual de 65,4% para concordo totalmente, 32,7% para concordo e 1,9% para indiferente ou neutro, conforme apresentado no Gráfico 10.

Gráfico 10 - Quanto à Compreensão



Fonte: Elaboração da autora (2022).

Sobre a pergunta acima, pode-se destacar o *podcast* #007 Acessibilidade a alunos cadeirantes que relata as práticas do Câmpus Araranguá. Nesta ação os docentes e discentes envolvidos buscaram ouvir a comunidade que seria usuária das cadeiras de rodas, tornando assim adequadas às necessidades daquelas pessoas, por se tratar de um objeto essencial à sua locomoção.

Tal prática nos remete a Freire (1996), que destaca que a educação se caracteriza como promotora de autonomia quando contribui para que pessoas com

deficiência possam desprender-se da seara da exclusão e tornarem-se protagonistas do seu processo de aprendizado. No relato das práticas, visualizou-se o protagonismo da comunidade ao trabalhar junto à equipe do projeto no desenvolvimento das cadeiras de rodas.

Na pergunta mudança de ação, Gráfico 11, foi avaliado se as práticas inclusivas contribuem para tornar as práticas educacionais mais inclusivas. Desse modo, 57,7% disseram que concordam totalmente, 34,6% que concordam e 7,7% manifestaram como indiferente.

Gráfico 11 - Mudança de Ação



Fonte: Elaboração da autora (2022).

Ainda sobre a mudança de ação, nesta pergunta foi avaliado se recomendariam os *podcasts* para outras pessoas, incluindo educadores da EPT. Assim, tem-se o percentual de 78,8% para concordo totalmente, 19,2% para concordo e 1,9% para indiferente ou neutro. O Gráfico 12 demonstra tal avaliação.

Gráfico 12 - Mudança de Ação



Fonte: Elaboração da autora (2022).

Tanto a pergunta disposta no Gráfico 12 quanto no Gráfico 13 demonstram a importância da adoção de práticas inclusivas no fazer pedagógico. Conforme visto em Da Rosa (2021), as práticas educacionais inclusivas estimulam educadores e gestores a repensarem a sua abordagem para que a instituição trabalhe na perspectiva da educação inclusiva.

As respostas apresentadas sobre a contribuição dos *podcasts* para tornar as práticas mais inclusivas e, ainda, inerentes à recomendação de tais práticas para educadores da EPT, vão ao encontro da pergunta de pesquisa desta dissertação: o desenvolvimento de uma série de *podcasts* como recurso educacional aberto pode contribuir para a disseminação de práticas educacionais inclusivas desenvolvidas no IFSC?.

Pode-se verificar também nos comentários dos avaliadores ao final do formulário falas que ratificam a necessidade de compartilhamento de práticas inclusivas, destacadas nas falas dos participantes da pesquisa, identificados como P1, P2 e P3:

Compreender que outros profissionais da educação passam pelas mesmas situações e estamos todos buscando soluções e alternativas para deixar nossa prática educativa mais inclusiva (P1).

Perceber como os colegas atuam, suas experiências inovadoras e

inspiradoras (P2).

Me chamou atenção termos que não sabia que existiam ou até mesmo usava de forma equivocada (P3).

A última questão avaliava a aceitação, se consideravam os *podcasts* adequados para a sensibilização dos educadores sobre o tema das práticas, apresentando então o percentual de 76,9% concordo totalmente, 17,3% concordo e 5,8%, conforme disposto no Gráfico 13.

Gráfico 13 - Aceitação



Fonte: Elaboração da autora (2022).

Outro ponto levantado pelos educadores refere-se à qualidade do conteúdo apresentado, que vão ao encontro do que Pinheiro (2020) destaca como importante em *podcasts* para se classificarem como inclusivos, tais como atentar ao ruído e a fala mais lenta, conforme os relatos de P4, P5 e P6:

A plataforma escolhida, site e repositório são adequados, facilitando o acesso. A vinheta e as transições foram executadas de forma impecável. A qualidade do áudio, sem ruídos, a clareza nas falas, tudo excelente. A temática, os exemplos práticos compartilhados finalizam e dão relevância ao projeto (P4).

O conteúdo também foi abordado com leveza, sem muita enrolação no assunto, e as vozes foram bem gravadas e estavam nítidas (claras, sem ruídos), o que tornou a audição agradável (P5).

Inicialmente a identidade visual e as artes. A plataforma escolhida, site e repositório são adequados, facilitando o acesso. A vinheta e as transições foram executadas de forma impecável. A qualidade do áudio, sem ruídos, a clareza nas falas, tudo excelente. A temática, os exemplos práticos compartilhados finalizam e dão relevância ao projeto (P6).

A importância do compartilhamento das práticas inclusivas também é destacada pelos participantes da pesquisa, P7 e P8, como forma de estimular os educadores e os gestores a repensarem as suas práticas para que a instituição seja mais inclusiva, considerando a pluralidade dos sujeitos, com ou sem deficiência.

Trazem estratégias exitosas que os professores entrevistados usaram para incluir os estudantes. Os relatos por meio dos podcasts, veem numa perspectiva de formação continuada e isso é muito interessante, pois o professor pode ouvir em qualquer lugar e momento (P7).

Relato muito bem elaborado. Conectado com a missão da Instituição e mostrando que as dificuldades fazem parte do processo. Mostrando que os resultados são mais importantes que as dificuldades (P8).

Percebeu-se nos destaques dos comentários acima o que Freire (2011) pondera. Para o autor, o *podcast* é uma alternativa complementar à inclusão no ambiente escolar quando se adota estratégias pedagógicas e ferramentas educacionais que tornam a abordagem mais inclusiva.

Identificou-se nos relatos que os *podcasts* cumprem o seu papel à sensibilização dos educadores para as práticas inclusivas, quando demonstram que a atuação docente se baseia em identificar junto ao aluno as necessidades de aprendizagem, contribuindo então à sua formação de modo autônomo, uma vez que identificam nos *podcasts*, conforme Bottentuit Junior e Coutinho (2007), uma tecnologia com potencial para ser utilizada a serviço da educação e também no processo de formação continuada de professores.

O IFSC possui como missão promover a inclusão e formar cidadãos. Isso pode ser observado nos recortes dos comentários dos participantes da pesquisa. Os relatos dos entrevistados sobre as práticas nos remetem à Ciavatta (2009), que afirma que o caráter formativo do trabalho e da educação como ação humanizadora ocorre por meio do desenvolvimento de todas as potencialidades do ser humano, sendo este protagonista de suas escolhas e modificador do seu contexto em sociedade.

Por fim, também foram recebidas contribuições dos educadores no sentido de ampliar a disseminação de práticas inclusivas, os quais deixaram seus apontamentos na questão *O que mudaria ou sugeriria para ser aperfeiçoado quanto à série de podcasts?*, como demonstradas abaixo nas falas de P9 e P10:

*Mapear mais práticas e disseminá-las para o público-alvo (P9).
Disseminar o conteúdo em outras plataformas, para ampliar a visualização (tenho certeza que teremos outras instituições, docentes e discentes que se inspirarão com a proposta; Utilizar a experiência adquirida e formatar um curso para capacitar docentes e discentes no uso de podcasts como recurso educacional (porque não uma "rádio online" assíncrona nos IF's??); Ampliar a amostra e investigar o uso de Podcasts em outros países (em um bom programa de Doutorado) (P10).*

Assim, conforme os comentários dos participantes da pesquisa, ratifica-se a definição de educação inclusiva trazida por Ropoli (2010), ao falar da construção conjunta do conhecimento segundo suas capacidades e o respeito às diferenças.

Além disso, os dados coletados na avaliação do produto educacional desenvolvido nesta pesquisa alinham-se à fundamentação teórica quando direcionam para a importância das escolas e universidades em superarem as barreiras, principalmente comunicacionais e intelectuais, assegurando a valorização das diferenças.

6 CONCLUSÕES

Esta pesquisa partiu do pressuposto de que o Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) possui diversas ações inclusivas sendo realizadas, porém pouco disseminadas. Para verificar tal afirmação, propôs-se a seguinte pergunta de pesquisa: o desenvolvimento de uma série de *podcasts* como recurso educacional aberto pode contribuir para a disseminação de práticas educacionais inclusivas desenvolvidas no IFSC?.

No decorrer desta pesquisa, a fim de atingir o objetivo geral, foram analisadas as práticas inclusivas que estão sendo desenvolvidas no IFSC, sendo utilizada como base a plataforma de práticas educacionais inclusivas (praticasinclusivas.com.br), a fim de compilar as práticas para a produção da série de *podcasts*.

As práticas selecionadas referem-se às ações contempladas no Edital da Pró-Reitoria de Ensino (PROEN) do IFSC nº 002/2019 denominado Compartilhamento de Práticas Educacionais Inclusivas. A partir do resultado deste edital foram delimitadas as práticas dos Câmpus Araranguá, Gaspar e Xanxerê. Após a seleção dos Câmpus, elencou-se as ações de cada um e analisou-se os relatos de experiência dispostos na plataforma, identificando assim pelo menos uma ação de cada Câmpus que foi considerada com maior relevância à proposta dos *podcasts*.

Referente aos objetivos específicos de elaborar o planejamento dos *podcasts* sobre educação inclusiva e realizar a gravação e edição dos *podcasts* sobre as práticas inclusivas no IFSC, pode-se afirmar que estes também foram alcançados. Foi traçada a ordem em que se apresentariam os *podcasts* e os assuntos a serem elaborados, assim como a criação dos roteiros.

Com isso, foram elencados os entrevistados e os temas os quais seriam relevantes de serem complementados na série e que estariam relacionados aos *podcasts* das práticas inclusivas. As gravações e edições foram realizadas conforme cronograma apresentado nesta dissertação.

Por fim, a verificação da percepção da comunidade acadêmica acerca do produto educacional desenvolvido e sua relação com a fundamentação teórica, se a

mídia educacional contribui ou não com a promoção de práticas educacionais na perspectiva inclusiva, foi observada e aplicada via questionário de avaliação dos *podcasts* respondido pelos educadores da Educação Profissional e Tecnológica (EPT).

Considera-se que o produto educacional aqui disposto visou contribuir com a sensibilização e o estímulo de educadores da EPT para que desenvolvam cada vez mais práticas educacionais inclusivas. Assim, pode-se constatar que foi atingido o objetivo geral desta dissertação, que foi criar uma série de *podcasts* sobre inclusão na EPT contribuindo com o compartilhamento de práticas pedagógicas na perspectiva da educação inclusiva, sendo essa afirmação ratificada pela validação do produto por parte dos educadores.

As contribuições dos educadores que avaliaram a série de *podcasts* apontam para a necessidade do diálogo sobre a educação e suas práticas inclusivas, assim como ampliação do compartilhamento das mesmas à comunidade, seja ela acadêmica, seja externa.

Este produto educacional demonstrou a importância das práticas inclusivas no sentido de disseminar, aprimorar e adequar as ações já existentes, partindo como base o contexto da pessoa com deficiência, sendo uma ação conjunta com os envolvidos da comunidade acadêmica que realizam atendimento especializado, docentes e familiares.

Diante dos resultados obtidos, constata-se que a comunidade da EPT avaliou esta ação como positiva, atendendo ao objetivo desta dissertação em contribuir com a promoção de práticas educacionais na perspectiva inclusiva. Além disso, também atingiu o seu público-alvo: servidores, docentes e técnico-administrativos em educação, principalmente dos Câmpus Araranguá, Gaspar e Xanxerê do IFSC, câmpus que tiveram suas práticas inclusivas como objeto desta pesquisa.

No entanto, cabe destacar que o curto período de execução do projeto de extensão, o qual durou três meses, e devido à Pandemia alguns objetivos do projeto não foram possíveis de serem executados, tais como a transcrição dos episódios, a autodescrição dos apresentadores e a descrição detalhada dos episódios, o que os tornariam mais acessíveis.

Com base nos dados apresentados, acredita-se que a produção de *podcasts* por estudantes estabelece relações com diferentes temáticas e ferramentas de ensino e aprendizagem, como por exemplo, a educomunicação. Assim, o *podcast*,

quando utilizado como ferramenta no ensino, destaca-se como aplicação da educomunicação, uma vez que estimula o protagonismo do estudante, por meio de ferramentas comunicacionais, promovendo o pensamento crítico, a criatividade e a cidadania.

No que tange à indicação para futuras pesquisas, recomenda-se o aprimoramento e a utilização de recursos educacionais abertos pelos educadores como estratégias para promover a interação no processo de ensino-aprendizagem, mas também para que os alunos sejam protagonistas neste percurso.

Ainda, viu-se como uma oportunidade o fato deste produto educacional ter sido executado com protagonismo discente, aproximando-se do que se caracteriza como uma ação de extensão sendo um processo educativo, cultural, político, social, científico e tecnológico que promove a interação dialógica e transformadora entre a instituição e a sociedade de forma indissociável.

Fator que, para além da produção e execução dos *podcasts*, envolveu e estimulou os discentes a pensarem na educação inclusiva, seja no ambiente escolar ou no meio social, seja em complemento à formação dos discentes do curso de licenciatura, por exemplo, uma vez que se tornarão educadores e a perspectiva da educação inclusiva lhes proporciona pensar no sujeito como um todo e a adotar práticas mais inclusivas em sua metodologia.

Outro fator a ser explorado é o projeto de extensão, meio pelo qual este produto educacional foi desenvolvido. Tal projeto fez com que houvesse interação e participação ativa da comunidade quando relataram sobre como as práticas foram importantes para o aprendizado delas e principalmente a escuta dos sujeitos por parte dos educadores e alunos para o desenvolvimento das práticas inclusivas. Demonstrou-se fundamental ouvir e identificar o que o próprio usuário da prática necessita, com sua participação e necessária formação, construindo em conjunto aquele recurso à sua necessidade, além de dar espaço para que tenham lugar de fala e possam incentivar e demonstrar a toda comunidade que a educação pode ser cada vez mais inclusiva.

Referente ao impacto social da pesquisa percebe-se como uma questão de maior amplitude a formação e a prática inclusiva docente. Sugere-se como importante a necessidade dos educadores (re)pensarem as suas práticas educativas, considerando as necessidades e possibilidades de cada discente. Para ser efetivada, a inclusão precisa de ações constantes e conjuntas entre governo,

políticas e ações na comunidade acadêmica, principalmente quanto à formação de professores para o aprimoramento de suas práticas educativas.

Nesse sentido, os estudos sobre acessibilidade apontam a utilização do *podcast* para interdisciplinaridade, o que contribui e dá mais dinamicidade às práticas educacionais, tanto atuando na produção de conteúdos ao público sensorialmente diverso, como durante a pandemia, quando houve aumento significativo no número de consumidores de *podcast*. Pode-se afirmar que configura como uma alternativa de acessibilidade frente às transformações da tecnologia.

Também é fundamental que a escola promova debates, estudos e pesquisas relacionados à educação inclusiva com o objetivo de disseminar a informação, promover o diálogo e que, principalmente, o sujeito com deficiência se reconheça e sinta-se pertencente àquele local que lhe é de direito para estudar.

Por fim, traz-se aqui uma fala de Nosella (2016) que me marcou²⁰ quando eu estudava para a prova do mestrado e que acredito se aplicar na análise desta dissertação, pois quero ter a esperança de Nosella quando em sua fala indaga qual escola queremos: uma escola unitária, humanista, ou multiforme, fazendo uma metáfora com a história do rouxinol e a cotovia da obra de Shakespeare. O rouxinol, ao anunciar o fim do dia, nos faz focar nas implicações e consequências que o capitalismo exerce em todos os aspectos da vida humana, inclusive na educação. Mas “qual é o canto que anuncia a aurora do novo sistema?”. Quais as mudanças anunciadas pelas novas perspectivas para a educação inclusiva e das transformações que estamos passando?

²⁰Justifica-se o uso da primeira pessoa do singular por se tratar de uma reflexão da autora.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Willian David Martins de; JUNIOR, Almir de Oliveira Costa. Uso do podcast com objetivos educacionais no Brasil: uma revisão sistemática. *In*: BARBOSA, Milson dos Santos; BRANDÃO, Luma Mirely de Souza; MOTA, Danyelle Andrade. **Ensino híbrido: estratégias orientadas para aprendizagem**. v. 1. Rio de Janeiro: Editora e-Publicar, 2021. Disponível em: <https://editorapublicar.com.br/ensino-hibrido-estrategias-orientadas-para-aprendizagem-volume-1>. Acesso em: 06 dez. 2021.

ANCHOR. **4 maneiras de inserir as estatísticas de podcast na estratégia de crescimento do seu programa**. 2022. Disponível em: <https://br.blog.anchor.fm/grow/spotify-podcast-analytics>. Acesso em: 25 jun. 2022.

ANJOS, Pollianna Garcia dos *et al.* **Reflexões sobre a formação continuada de professores na perspectiva da Educação Inclusiva e suas implicações no trabalho docente**. 2018. 187 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2018. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/6564>. Acesso em: 06 dez. 2021.

APPOLINÁRIO, Fábio. (Ed.) **Dicionário de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2007.

BÖCK, Geisa Letícia Kempfer *et al.* **O Desenho Universal para a Aprendizagem e as contribuições na Educação à Distância**. 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/214398/PPSI0853-T.pdf?sequence=-1&isAllowed=y>. Acesso em 30 ago. 2022.

BOTTENTUIT JUNIOR, João Batista; COUTINHO, Clara Pereira. **Podcast em Educação: um contributo para o estado da arte**. *In*: BARCA, A.; PERALBO, M.; PORTO, A.; SILVA, B. D.; ALMEIDA L. (eds.). A Coruña: Universidade da Coruña. Anais [...]. Coruña, 2007. p. 837-846. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/7094>. Acesso em: 06 dez. 2021.

BOTEGA, Anne Gabrielle; MORETTI, Vivian Maggiorini; SILVEIRA, Viviane da Silva. Inclusão escolar: algumas discussões e encaminhamentos sobre o contexto. **Ensaios Pedagógicos**, v. 3, n. 1, p. 10-17, 2019. Disponível em: <http://www.ensaioapedagogicos.ufscar.br/index.php/ENP/article/view/123>. Acesso em: 06 dez. 2021.

BOTTON, Luciane de Avila; PERIPOLLI, Patrícia Zanon. SANTOS, Leila Maria Araújo. Podcast-uma ferramenta sob a ótica dos recursos educacionais abertos: apoio ao conhecimento. **Redin – Revista Educacional Interdisciplinar**, v. 6, n. 1, p. 1-111, 2017. Disponível em: <http://seer.faccat.br/index.php/redin/article/view/613>. Acesso em: 02 nov. 2020.

BRASIL. **Portal EduCAPES**. 2022. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/redirect?action=about>. Acesso em: 05 de abr. 2022.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 22 nov. 2019.

BRASIL. **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep)**. Censo da Educação Básica 2021: notas estatísticas. Brasília, DF: Inep, 2022. Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/notas_estatisticas_censo_escolar_2021.pdf. Acesso em: 04 jul. 2022.

BRASIL. **Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012**. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 30 ago. 2012. Seção 1, p. 1. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm. Acesso em: 22 nov. 2019.

BRASIL. **Lei n.º 13.005, de 25 de junho de 2014**. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm. Acesso em: 22 nov. 2019.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão das Pessoas com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, DF: Secretaria-Geral, 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 22 nov. 2019.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 22 nov. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Diretoria de Estatísticas Educacionais. **Censo da Educação Superior 2018**: divulgação dos resultados. Brasília: Inep, 2019. 77 slides, color. Disponível em: https://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2019/apresentacao_censo_superior2018.pdf. Acesso em: 15 nov. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB**. Brasília: Senado Federal, 2017. Versão atualizada. Disponível em: http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_base_s_1ed.pdf. Acesso em: 22 nov. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC, 2008b. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducacional.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2019.

CIAVATTA, Maria. Trabalho como princípio educativo. **Dicionário da educação profissional em saúde**, v. 2, p. 408-415, 2009. Disponível em: http://forumeja.org.br/go/sites/forumeja.org.br/go/files/trabalho_principioeducativo_joel.pdf. Acesso em: 25 jun. 2022.

CITELLI, Adilson Odair; DE OLIVEIRA SOARES, Ismar; DE LOPES, Maria Immacolata Vassallo. Educomunicação: referências para uma construção metodológica. **Comunicação & Educação**, v. 24, n. 2, p. 12-25, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/165330>. Acesso em 08 set. 2022.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (CAPES). **Documento de área 2016**. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/480/o/DOCUMENTO_DE_AREA_ENSINO_2016_final.pdf. Acesso em: 25 jun. 2022.

CNA. **Podcast para aprender inglês funciona?** Disponível em: <https://www.cna.com.br/blog/estudos/podcasts-para-aprender-ingles>. Acesso em: 10 dez. 2020.

DA ROSA, Cláudio Adão. IFSCTV. **A Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. YouTube, 26 de nov. de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8BrguN4UtHw>. Acesso em: 12 abr. 2022.

DE ATAÍDES VALIM, Eliane Vieira *et al.* A educomunicação no ensino profissional integrado ao médio: uma análise dos PPCS e Práticas Pedagógicas no campus Palmas do IFTO. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**, v. 1, n. 20, p. e10860-e10860, 2021. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/RBEPT/article/view/10860>. Acesso em: 12 abr. 2022.

DE MORAIS, Josmaria Lopes; VIEIRA, Solange Reiguel. Educomunicação: um campo em construção: Reflexões sobre os trabalhos apresentados no XIV e XV Encontro Paranaense de Educação Ambiental. **AMBIÊNCIA**, v. 13, n. spe., p. 142-157, 2017. Disponível em: <https://revistas.unicentro.br/index.php/ambiencia/article/view/4357>. Acesso em: 26 mai. 2020.

DA SILVA JÚNIOR, Edvargue Amaro; DA SILVA, Cristiane Freitas Pereira; BERTOLDO, Sandra Regina Franciscatto. Educação em tempos de pandemia: o uso da ferramenta podcast como estratégia de ensino. **Tecnia**, v. 5, n. 2, p. 31-51, 2020. Disponível em: <https://revistas.ifg.edu.br/tecnia/article/view/815>. Acesso em: 12 abr. 2022.

FERREIRA, Rosinete de Jesus Silva; SILVA, Helen Maria Oliveira. **A utilização de podcasts em Instituições de Ensino Superior**. 2018. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-2181-1.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2020.

FERREIRA, Windys B. Educação inclusiva: Será que sou a favor ou contra uma escola de qualidade para todos? **INCLUSÃO - Revista da Educação Especial**,

out. 2005. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/revistainclusao1.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2020.

FREIRE, Eugênio Pacelli Aguiar. O podcast como ferramenta de educação inclusiva para deficientes visuais e auditivos. **Revista Educação Especial**, v. 24, n. 40, p. 195-206, maio/ago. 2011. Disponível em <https://www.redalyc.org/pdf/3131/313127402004.pdf>. Acesso em: 26 mai. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE. Podcast para surdos?! A “Escrita Oral” de uma tecnologia educativa. **Atos de Pesquisa em Educação**, v. 12, n. 1, p. 207-229, 2017. Disponível em: <https://gorila.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/5111>. Acesso em: 28 mai. 2020.

GESSER, Marivete. **Gênero, corpo e sexualidade: processos de significação e suas implicações na constituição de mulheres com deficiência física**. 2012. 315 f. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Florianópolis, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/94256>. Acesso em: 06 jun. 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. 220 p. Disponível em: <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf>. Acesso em: 26 mai. 2020.

GLAT, Rosana; BLANCO, Leila de Macedo Varela. Educação especial no contexto de uma educação inclusiva. In: GLAT, R. (org.). **Educação inclusiva: cultura e cotidiano escolar**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009. p. 15-35. Disponível em: <http://professor.pucgoias.edu.br/SiteDocente/admin/arquivosUpload/17962/material/Educa%C3%A7%C3%A3o%20especial%20no%20contexto%20de%20uma%20educa%C3%A7%C3%A3o%20inclusiva.pdf>. Acesso em: 06 dez. 2021.

GONÇALVES, Lizandra Falcão. **Ação TECNEP: movimentos, mediações e implementação da política de inclusão no IFFAR, campus São Vicente do Sul**. Dissertação (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica) - Instituto Federal de Santa Maria, 2017. 143 f. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/13635>. Acesso em: 01 dez. 2019.

INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. **Plano de Desenvolvimento Institucional**: Florianópolis: IFSC, 2017 (PDI 2015/2019). Disponível em: http://pdi.ifsc.edu.br/files/2015/07/PDI_IFSC_revisado_2017.pdf. Acesso em: 02 dez. 2019.

INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA. **Editais Proen Nº 002/2019 Compartilhamento De Práticas Educacionais Inclusivas**. Florianópolis: IFSC, 2019. Disponível em: <https://intranet.ifsc.edu.br/images/file/editais-praticas-inclusivas->

[publicado.pdf](#). Acesso em: 02 dez. 2019.

INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA. **Edital Proex Nº 14/2021 Protagonismo Discente**. Florianópolis: IFSC, 2021. Disponível em: https://www.ifsc.edu.br/documents/30713/892806/2021_PROEX+14_Protagonismo_Discente.pdf/0ab6a59b-777d-43bb-9b75-eaeaea7d18cf. Acesso em: 27 jul. 2022.

INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA. **Ações Inclusivas**. Disponível em: <https://www.ifsc.edu.br/acoes-inclusivas>. Acesso em: 06 dez. 2021.

INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA. **Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional**. Disponível em: <https://www.ifsc.edu.br/profept>. Acesso em: 06 dez. 2021.

INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. **Regulamento geral do Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional**. Ministério da Educação: IFES, 2018. Disponível em: <https://profept.ifes.edu.br/regulamentoprofept/16413-regulamento13julho>. Acesso em: 06 dez. 2021.

INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. **Mestrado profissional em educação profissional e tecnológica em rede nacional**: anexo ao regulamento. Brasília: MEC, 2015b. Disponível em: <https://ifg.edu.br/attachments/article/9434/Anexo-ao-Regulamento-2019.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2020.

JULIANI, Douglas Paulesky; BLEICHER, Sabrina. **Produção de Recursos Didáticos**. 2018. Disponível em: <https://moodle.ead.ifsc.edu.br/mod/book/tool/print/index.php?id=82877>. Acesso em: 02 dez. 2019.

KLERING *et al.* (Org.). **Multiletramentos em tempos de ensino remoto**: o trabalho com podcasts. In: KERSCH *et al.* Multiletramentos na pandemia: aprendizagens na, para e além da Escola. São Leopoldo: Casa Leiria, 2021, p. 101-112. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Dorotea-Frank-Kersch/publication/349537695_MULTILETRAMENTOS_NA_PANDEMIA_APRENDIZAGENS_NA_PARA_A_E_ALEM_DA_ESCOLA/links/60359d6d92851c4ed59110dd/MULTILETRAMENTOS-NA-PANDEMIA-APRENDIZAGENS-NA-PARA-A-E-ALEM-DA-ESCOLA.pdf. Acesso em 31 ago. 2022.

LEITE, Priscila Souza Chisté. Produtos Educacionais em Mestrados Profissionais na Área de Ensino: uma proposta de avaliação coletiva de materiais educativos. **CIAIQ2018**, v. 1, 2018. Disponível em: <https://www.proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2018/article/view/1656>. Acesso em: 26 jul. 2022.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?** Novas exigências educacionais e profissão docente. São Paulo: Cortez, 1998. Disponível em: https://www.uricer.edu.br/site/pdfs/perspectiva/156_683.pdf. Acesso em: 12 abr. 2022.

LOSE, Alícia Duhá; MAGALHÃES, Livia Borges Sousa. **Metodologia do trabalho científico: elaboração de projeto**. Salvador: UFBA, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/30884>. Acesso em: 26 mai. 2020.

MAFORT, Mariane Rentes; RAMOS, Laís Feliciano; FERNANDES-SANTOS, Caroline. **Podcast como estratégia de inclusão no ensino superior**. SocArXiv, 3 maio 2019. Disponível em: <https://osf.io/preprints/socarxiv/4vypq/>. Acesso em: 26 mai. 2020.

MARTÍNEZ, Albertina Mitjáns; TACCA, Maria Carmen. **Possibilidades de aprendizagem: ações pedagógicas para alunos com dificuldade e deficiência**. Campinas: Alínea, 2011.

MEDEIROS, Matheus Ferreira; MEDEIROS, Alexsandro Melo. Educação e tecnologia: explorando o universo das plataformas digitais e startups na área da educação. In: V CONEDU - Congresso nacional de educação, Campina Grande: Realize, v.1, 2018. **Anais [...]**. Campina Grande, 2018. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/47101>. Acesso em: 26 mai. 2020.

MOVE MAIS. **Você conhece o novo símbolo da acessibilidade?**. Movemais - Centro Especializado em Neurodesenvolvimento. Disponível em: <https://movemaisdourados.com.br/novo-simbolo-da-acessibilidade/>. Acesso em: 6 jul. 2022.

NASCIMENTO, Franklin Costa *et al.* A ação TEC NEP: tecnologia, educação, cidadania e profissionalização para pessoas com necessidades específicas como ferramenta de inclusão nas Instituições Federais de Educação Profissional e Tecnológica. **InterSciencePlace**, v. 1, n. 18, 2015. Disponível em: <http://www.interscienceplace.org/isp/index.php/isp/article/view/175>. Acesso em: 10 dez. 2020.

NASCIMENTO, Franklin Costa do; FARIA, Rogério. A questão da inclusão na Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, a partir da Ação TEC NEP. In: NASCIMENTO, Franklin Costa do; FLORINDO, Girlane Maria Ferreira; SILVA, Neide Samico da. (orgs.). **Educação profissional e tecnológica inclusiva: um caminho em construção**. Brasília: IFB, 2013. p. 13-23. Disponível em: <http://revistaeixo.ifb.edu.br/index.php/editoraifb/article/view/185>. Acesso em: 20 mar. 2020.

NOSELLA, Paolo. **Ensino médio: à luz do pensamento de Gramsci**. Campinas, São Paulo: Editora Alínea, 2016. 180 pp.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer Pesquisa Qualitativa**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. 181 p. Disponível em: <https://pdfcoffee.com/livro-pesquisa-qualitativa-cap-1-e-2-maria-marly-de-oliveira-25mb-pdf-free.html>. Acesso em: 06 dez. 2021.

O'BANNON, B; LUBKE, J; BEARD, J.; BRITT, B. Using podcasts to replace lecture: Effects on student achievement. **Computers & Education**, Florianópolis, v. 57, n. 3, p. 1885-1892, nov. 2011. Disponível em:

<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0360131511000820>. Acesso em: 06 dez. 2021.

ONU. BRASIL. **Transformando nosso mundo: a agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável**, 2016. Disponível em <https://brasil.un.org/sites/default/files/2020-09/agenda2030-pt-br.pdf>. Acesso em: 24 de jun. de 2022.

PINHEIRO, E. B. Podcast e Acessibilidade. **Revista GEMInIS**, v. 11, n. 2, p. 45-66, 21 dez. 2020. Disponível em: <https://www.revistageminis.ufscar.br/index.php/geminis/article/view/570/381>. Acesso em: 06 dez. 2021.

PLATAFORMA NILO PEÇANHA. **Rede Federal de Educação profissional Científica e Tecnológica. SETEC/MEC. Ano base 2021**. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/pnp>. Acesso em: 05 abr. 2022.

Portal do IFSC, Florianópolis, 28 fev. de 2019. Disponível em: https://www.ifsc.edu.br/conteudo-aberto/-/asset_publisher/1UWKZAkiOauK/content/id/1139641/site-desenvolvido-por-pesquisadores-do-ifsc-re%C3%Bane-pr%C3%A1ticas-educacionais-inclusivas. Acesso em: 01 dez. 2019.

PRIMO, Alex Fernando Teixeira. Para além da emissão sonora: as interações no podcasting. **Intexto**, n. 13, p. 64-87, 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/4210>. Acesso em: 02 nov. 2020.

PRODANOV, Cleber Cristiano; DE FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico-2ª Edição**. Editora Feevale, 2013. Disponível em: encurtador.com.br/yGTWY. Acesso em: 12 abr. 2022.

ROPOLI, Edilene Aparecida; MANTOAN, Maria Teresa Eglér; SANTOS, Maria Terezinha da Consolação Teixeira dos; MACHADO, Rosângela. **A educação especial na perspectiva da inclusão escolar. A escola comum inclusiva**. Brasília: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Especial, 2010. 51p. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/43213>. Acesso em: 12 abr. 2022.

SAIDELLES, Tiago *et al.* Investigando as Potencialidades do Uso do Software Audacity como Ferramenta de Flexibilização da Aprendizagem. **Redin-Revista Educacional Interdisciplinar**, v. 8, n. 1, 2019. Disponível em: <http://seer.faccat.br/index.php/redin/article/view/1543>. Acesso em 31 ago. 2022.

SÁNCHEZ, Pilar Arnaiz. A educação inclusiva: um meio de construir escolas para todos no século XXI. **Inclusão - Revista de Educação Especial**, v. 1, p. 7-18, 2005. Disponível em https://diees-semed.webnode.com/_files/200002003-b8fd4b9f7f/revistainclusao1.pdf#page=40. Acesso em: 20 mai. 2020.

SASSAKI, Romeu. Conceituação e Adaptações na Educação Profissional e Tecnológica. In: NASCIMENTO, Franklin Costa do; FLORINDO, Gírlane Maria Ferreira; SILVA, Neide Samico da. (orgs.). **Educação profissional e tecnológica**

inclusiva: um caminho em construção. Brasília: IFB, 2013. p. 26-41. Disponível em: <http://revistaeixo.ifb.edu.br/index.php/editoraifb/article/view/185>. Acesso em: 20 mar. 2020.

SASSAKI, Romeu. Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação. **Revista Nacional de Reabilitação (Reação)**, São Paulo, ano XII, p. 10-16, mar./abr. 2009. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/211/o/SASSAKI_-_Acessibilidade.pdf?1473203319. Acesso em: 06 dez. 2021.

SANTANA, B.; ROSSINI, C.; PRETTO, N. D. L. **Recursos Educacionais Abertos:** práticas colaborativas políticas públicas. Salvador: Edufba, 2012. Disponível em: <http://www.aberta.org.br/livrorea/livro/livroREA-1edicao-mai2012.pdf>. Acesso em: 06 dez. 2021.

SEBASTIÁN-HEREDERO, Eladio. Diretrizes para o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA). **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 26, p. 733-768, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/F5g6rWB3wTZwyBN4LpLgv5C/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 31 ago. 2022.

SEIFFERT, Elaine Cristina Pamplona. **Experiências Educacionais Inclusivas Compartilhadas**. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional, Instituto Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019a. 116 f. Disponível em: <https://repositorio.ifsc.edu.br/handle/123456789/1204>. Acesso em: 29 nov. 2019.

SEIFFERT, Elaine Cristina Pamplona. **Práticas Inclusivas**. 2019b. Disponível em: <http://praticasinclusivas.com.br/>. Acesso em: 28 mai. 2020.

SÉRIO NETO, Franco de Miranda; GARCIA, Maurício Luis Silva. Recursos educacionais abertos para ead. In: Congresso Brasileiro de Ensino Superior a Distância, **Anais...** Belém/PA: UNIREDE, 2013. Disponível em: <https://docplayer.com.br/9813431-Recursos-educacionais-abertos-para-ead.html>. Acesso em: 06 dez. 2021.

SILVA, Damione Damito Sanches Sigalas Dameão da. **O Papel do Podcast Papo de Educador na Formação de Professores-Ouvintes**. 117 f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) – Faculdade de Ciências e Letras. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Araraquara, 2020. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/191689>. Acesso em: 02 nov. 2020.

SILVA, Daniela do Nascimento. Recursos Educacionais Abertos como fontes de informação. **Encontros Bibli**, Florianópolis, v. 20, n. 44, p. 59-72, nov. 2015. ISSN 1518-2924. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2015v20n44p59/30424>. Acesso em: 02 dez. 2019.

SILVA, Fernanda Souza da. **A inclusão escolar de discentes com deficiência física:** contribuição para uma práxis inclusiva no Instituto Federal do Maranhão a partir do desenvolvimento de um aplicativo educacional. 2020. 169 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e

Tecnológica, Instituto Federal do Maranhão, São Luís, 2020. Disponível em: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/571465>. Acesso em: 05 ago. 2020.

SILVA JUNIOR, Severino Domingos; COSTA, Francisco José. Mensuração e Escalas de Verificação: uma Análise Comparativa das Escalas de Likert e Phrase Completion. PMKT – **Revista Brasileira de Pesquisas de Marketing, Opinião e Mídia**, São Paulo, Brasil, v. 15, p. 1-16, out. 2014. Disponível em: https://revistapmkt.com.br/pt_br/categoria/publicacoes/2014/. Acesso em: 12 abr. 2022.

SILVA, Solange Cristina da; GESSER, Marivete; NUERNBERG, Adriano Henrique. **A contribuição do modelo social da deficiência para a compreensão do transtorno do espectro autista**. Educação, Arte e Inclusão, v. 15, n. 2, p. 187-207, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/12897/pdf>. Acesso em: 09 jun. 2021.

SILVA, Tiago. **Como criar um podcast de qualidade em 5 passos**. Blog de Marketing Digital de Resultados. Disponível em: <https://resultadosdigitais.com.br/blog/como-criar-um-podcast/>. Acesso em: 02 nov. 2020.

SOARES, Ismar de Oliveira. A educomunicação possível: uma análise da proposta curricular do MEC para o ensino básico. **Comunicação & Educação**, São Paulo, ano 21, n. 1, p.13-25, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v21i1p13-25>. Acesso em: 20 abr. 2020.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: Contribuições para a reforma de Ensino Médio**. Editora Paulinas, 2012. Disponível em: <https://encurtador.com.br/hluFK>. Acesso em: 05 de abr. 2022.

SOUSA, Cintia Alves de. **Spotify com Acessibilidade**. 2021. Guia de Rodas. Disponível em: <https://guiaderodas.com/spotify-com-acessibilidade/>. Acesso em: 06 set. 2022.

SOUZA, Adriana da Silva; CUNHA, Angélica Moura Siqueira; MAGALHÃES, Christine Vianna Algarves. Atendimento aos Estudantes com Deficiência Intelectual na Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica. In: NASCIMENTO, Franklin Costa do; FLORINDO, Girlane Maria Ferreira; SILVA, Neide Samico da. (orgs.). **Educação profissional e tecnológica inclusiva: um caminho em construção**. Brasília: IFB, 2013. p. 43-56. Disponível em: <http://revistaeixo.ifb.edu.br/index.php/editoraifb/article/view/185>. Acesso em: 22 mai. 2020.

TECHTUDO. **Como usar o Audacity?** 2012. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2012/02/como-usar-o-audacity.ghtml>. Acesso em: 06 dez. 2021.

VITORINO, Sílvia Maria Aparecida; MACHADO, João Batista Borges. Educomunicação e novas tecnologias na escola contemporânea: configurações para um novo aluno e um novo professor. **Aularia: Revista Digital de**

Comunicación, v. 7, n. 1, p. 16-20, 2018. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=623906>. Acesso em: 08 dez. 2019.

WORLD FEDERATION OF THE DEAF. **Position Paper regarding the United Nations Convention on the Rights of People with Disabilities**, 2003. Disponível em: <http://www.un.org/esa/socdev/enable/rights/contrib-wfd.htm>. Acesso em: 06 dez. 2020.

YAMAGUCHI, H. K. de L.; BARRETO, W. M. O uso do Software Audacity como Mediação Pedagógica no Ensino de História para Educação de Jovens e Adultos. **Educitec - Revista de Estudos e Pesquisas sobre Ensino Tecnológico**, Manaus, Brasil, v. 7, p. e123621, 2021. DOI: 10.31417/educitec.v7.1236. Disponível em: <https://sistemascmc.ifam.edu.br/educitec/index.php/educitec/article/view/1236>. Acesso em: 31 ago. 2022.

ZERBATO, Ana Paula; MENDES, Enicéia Gonçalves. O desenho universal para a aprendizagem na formação de professores: da investigação às práticas inclusivas. **Educação e Pesquisa**, v. 47, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/XrThMT5Hhn6D9CSqcn3HHSM/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 31 ago. 2022.

APÊNDICE A – ROTEIRO DOS *PODCASTS*

ROTEIRO PARA GRAVAÇÃO DO <i>PODCAST</i> CAÇADORES DE INCLUSÃO		
Tema:	Objetivos:	Tempo:
Seção	Assunto	Texto
Introdução	● Vinheta de abertura ● Saudação Inicial ● trilha sonora	TRANSCRIÇÃO DAS FALAS PARA GRAVAÇÃO.
Conteúdo	● Tópicos para identificação dos conteúdos e entrevistas	TRANSCRIÇÃO DAS FALAS PARA GRAVAÇÃO.
Encerramento	● Conclusão do episódio, convite para o próximo ● Vinheta de encerramento	TRANSCRIÇÃO DAS FALAS PARA GRAVAÇÃO.

APÊNDICE B – FORMULÁRIO DE AVALIAÇÃO DOS PODCASTS

Este formulário é um instrumento de validação de um produto educacional que é fruto de uma dissertação vinculada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (ProfEPT). Suas respostas são anônimas e fundamentais para compreendermos a sua percepção sobre o produto.

Antes de avaliar, você deve acessar o site no link cacadoresdeinclusa.wixsite.com e ouvir pelo menos um dos *podcasts* apresentados na página, entre os Episódios #004 e #009.

Agora que você já acessou o site de repositório dos *podcasts*, já pode avaliar o produto educacional proposto.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Convidamos o(a) Sr(a) para participar do estudo EDUCAÇÃO PROFISSIONAL INCLUSIVA: O *PODCAST* COMO RECURSO EDUCACIONAL E DISSEMINAÇÃO DE PRÁTICAS INCLUSIVAS, sob a responsabilidade da pesquisadora Karoline G. Nazário. Esta pesquisa pretende realizar um questionário semiestruturado online para avaliar se as séries de *podcasts* produzidas se encaixam como ferramenta viável de ensino-aprendizagem e compartilhamento de práticas inclusivas. Sua participação neste estudo é voluntária e se dará por meio de questionário online para validação do produto educacional, que deverá analisar se as séries de *podcasts* encaixam-se como ferramenta viável de ensino-aprendizagem e compartilhamento de práticas inclusivas, avaliando assim o conteúdo, a aparência, a funcionalidade e a aplicabilidade dos *podcasts*. O seu anonimato será mantido durante todo o estudo. Além disso, sua participação é isenta de despesas e tem direito de desistir dela a qualquer momento. Se depois de consentir sua participação o Sr(a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. Este estudo

se justifica para validação do produto educacional da dissertação de mestrado da pesquisadora. O(a) Sr(a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Caso ocorram efeitos indesejáveis o(a) encaminharemos para o(a) psicóloga do IFSC que irá cuidar de possíveis efeitos indesejáveis resultantes da pesquisa, sendo garantida assistência imediata, sem ônus de qualquer espécie a sua pessoa com todos os cuidados necessários a sua participação de acordo com seus direitos individuais e respeito ao seu bem-estar físico e psicológico. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados no repositório do IFSC e no Portal Educapes, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo.

Declaro que li e concordo.

*Obrigatório

Aparência

1. Como classificaria a aparência da(s) arte(s) do(s) podcast(s). Considerando a harmonização de cores, textos e imagens*

Escolha um valor de 1 a 5, sendo: 1 Ruim; 2 Nem bom nem ruim; 3 Bom; 4 Muito bom; 5 Excelente

Marcar apenas uma opção.

1 2 3 4 5

2. Ainda sobre a aparência da(s) arte(s) do(s) podcast(s), elas retratam a mensagem do conteúdo proposto*

Escolha um valor de 1 a 3, sendo: 1 Não; 2 Indiferente; 3 Sim

Marcar apenas uma opção.

1 2 3 4 5

Conteúdo

3. Como classificaria de modo geral o conteúdo do(s) podcast(s)*

Escolha um valor de 1 a 5, sendo: 1 Ruim; 2 Nem bom nem ruim; 3 Bom; 4 Muito bom; 5 Excelente

Marcar apenas uma opção.

1 2 3 4 5

Compreensão

4. Acredito que o conteúdo (temáticas abordadas) do(s) podcast(s) possibilitam uma melhor compreensão sobre Práticas Educacionais Inclusivas*

Escolha um valor de 1 a 5, sendo: 1 para discordo totalmente; 2 para discordo; 3 para não concordo nem discordo; 4 para concordo; 5 concordo totalmente

Marcar apenas uma opção.

1 2 3 4 5

5. Ao ouvir o(s) podcast(s) (ao menos 1), considera que contribuiu para aprofundar o conteúdo bem como os conhecimentos sobre Práticas Educacionais Inclusivas*

Escolha um valor de 1 a 5, sendo: 1 para discordo totalmente; 2 para discordo; 3 para não concordo nem discordo; 4 para concordo; 5 concordo totalmente

Marcar apenas uma opção.

1 2 3 4 5

Envolvimento

6. Acredito que os podcasts sobre as práticas inclusivas contribuem para a construção/atualização de Projetos Pedagógicos de Cursos.*

Escolha um valor de 1 a 5, sendo: 1 para discordo totalmente; 2 para discordo; 3 para não concordo nem discordo; 4 para concordo; 5 concordo totalmente.

Marcar apenas uma opção.

1 2 3 4 5

7. Utilizo/posso utilizar os podcasts sobre as práticas inclusivas como fonte de pesquisa sobre a temática. *

Escolha um valor de 1 a 5, sendo: 1 para discordo totalmente; 2 para discordo; 3 para não concordo nem discordo; 4 para concordo; 5 concordo totalmente.

Marcar apenas uma opção.

1 2 3 4 5

8. Recomendo/recomendaria os podcasts sobre as práticas inclusivas para outras pessoas, incluindo educadores da EPT.*

Escolha um valor de 1 a 5, sendo: 1 para discordo totalmente; 2 para discordo; 3 para não concordo nem discordo; 4 para concordo; 5 concordo totalmente.

Marcar apenas uma opção.

1 2 3 4 5

Aceitação

9. Considero os podcasts sobre as práticas inclusivas adequados para a sensibilização dos educadores sobre o tema.*

Escolha um valor de 1 a 5, sendo: 1 para discordo totalmente; 2 para discordo; 3 para não concordo nem discordo; 4 para concordo; 5 concordo totalmente

Marcar apenas uma opção.

1 2 3 4 5

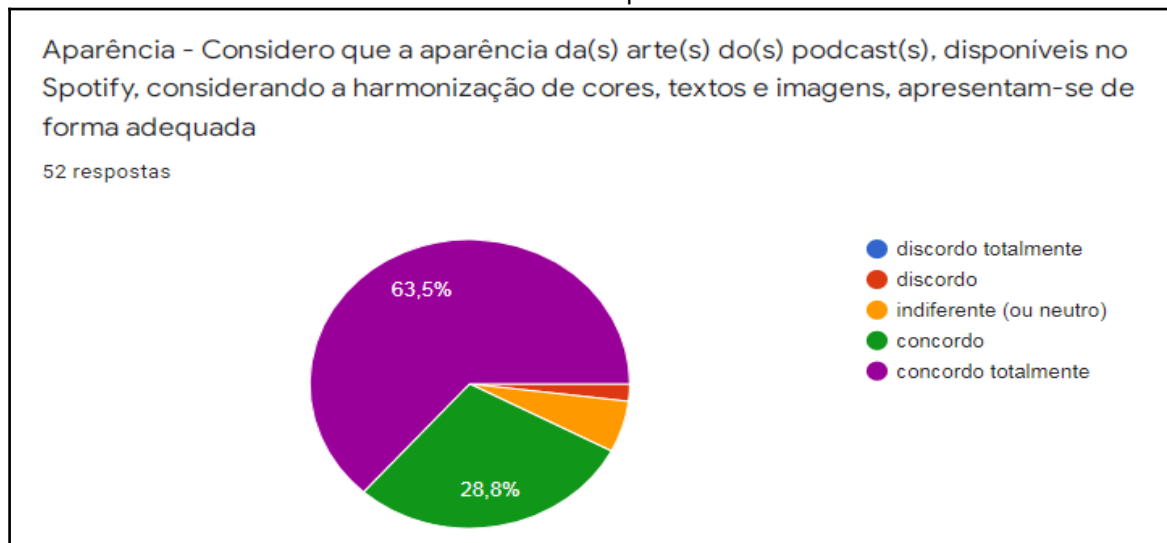
10. O que chamou a sua atenção nos relatos dos podcasts sobre práticas educacionais inclusivas? (aberta e não obrigatória)

11. O que mudaria ou sugeriria para ser aperfeiçoado quanto à série de podcasts? (aberta e não obrigatória)

APÊNDICE C - RESPOSTAS DA VALIDAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

1 - Aparência - Considero que a aparência da(s) arte(s) do(s) *podcast(s)*, disponíveis no *Spotify*, considerando a harmonização de cores, textos e imagens, apresentam-se de forma adequada.

Gráfico 14 - Aparência



Fonte: Elaboração da autora (2022).

2 - Aparência - A(s) arte(s) do(s) *podcast(s)*, disponíveis no *Spotify*, retratam a mensagem do conteúdo proposto.

Gráfico 15 - Aparência



Fonte: Elaboração da autora (2022).

3 - Conteúdo - Classifico, de modo geral, que o conteúdo do(s) *podcast(s)* contribuem com a promoção de práticas educacionais na perspectiva inclusiva.

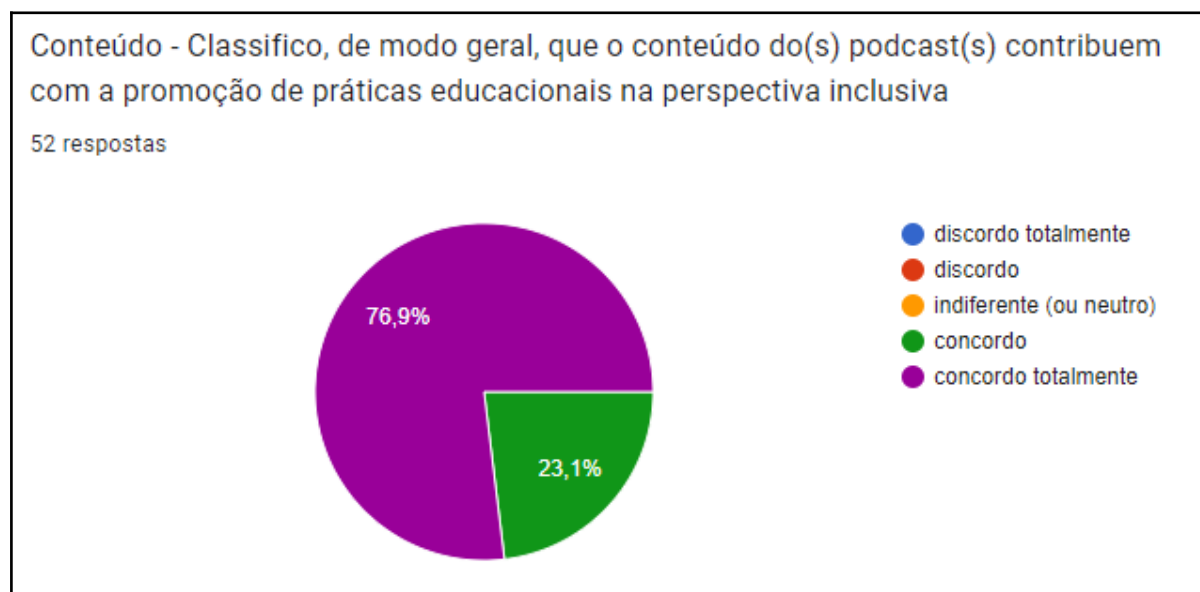
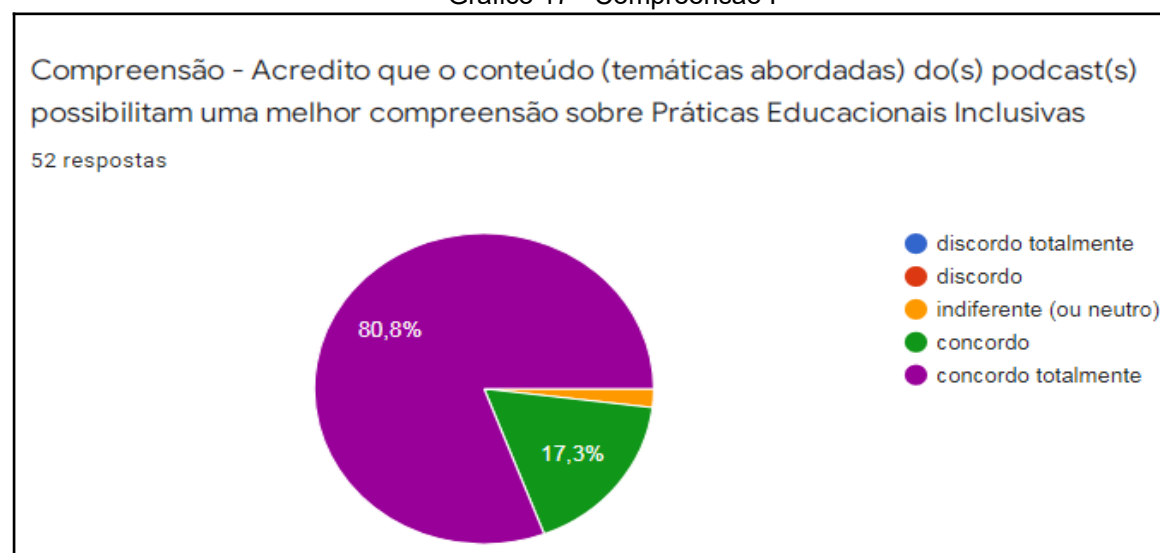


Gráfico 16 - Compreensão

Fonte: Elaboração da autora (2022).

4 - Compreensão - Acredito que o conteúdo (temáticas abordadas) do(s) *podcast(s)* possibilitam uma melhor compreensão sobre Práticas Educacionais Inclusivas.

Gráfico 17 - Compreensão I



Fonte: Elaboração da autora (2022).

5 - Compreensão - Ao ouvir o(s) *podcast(s)* (ao menos 1), considero que contribuiu para aprofundar o conteúdo bem como os conhecimentos sobre Práticas Educacionais Inclusivas.

Gráfico 18 - Compreensão II



Fonte: Elaboração da autora (2022).

6 - Mudança de ação - Acredito que os *podcasts* sobre as práticas inclusivas contribuem para tornar as minhas práticas educacionais mais inclusivas.

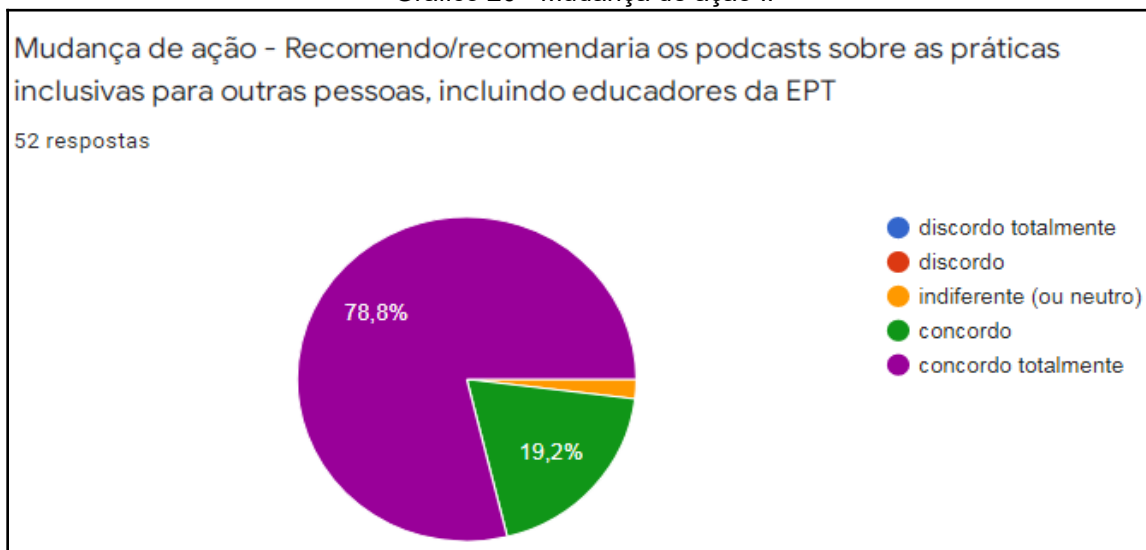
Gráfico 19 - Mudança de ação I



Fonte: Elaboração da autora (2022).

7 - Mudança de ação - Recomendo/recomendaria os *podcasts* sobre as práticas inclusivas para outras pessoas, incluindo educadores da EPT.

Gráfico 20 - Mudança de ação II



Fonte: Elaboração da autora (2022).

8 - Aceitação - Considero os *podcasts* sobre as práticas inclusivas adequados para a sensibilização dos educadores sobre o tema.

Gráfico 21 - Aceitação



Fonte: Elaboração da autora (2022).

9 - O que chamou a sua atenção nos relatos dos *podcasts* sobre práticas educacionais inclusivas?

- A forma atrativa como são realizados.
- O detalhamento do contexto sobre o tema e os exemplos viáveis de práticas

educativas. Muito legal trazer uma breve fala dos envolvidos.

- A dificuldade dos tradutores em explicar os termos técnicos. Percebo a necessidade de termos professores e técnicos de laboratórios fluentes em Libras.
- Que a produção parece bem profissional, com bom som, com música de abertura e boas transições.
- As temáticas abordadas.
- O pensamento de que o conceito de deficiência é apenas uma categorização criada por uma sociedade que não está disposta a remover as barreiras que dificultam a vida dessas pessoas. E que ela apenas seriam diferentes. O que é absolutamente verdade, mas nunca cruzou meu pensamento antes.
- A iniciativa dos proponentes em realizar ações inclusivas.
- A clareza da proposta posta em relatos e análises da vida real. Parabéns.
- Conteúdo didático, objetivo de fácil entendimento. Casos/exemplos do cotidiano apresentados com êxito.
- Os relatos de ações já feitas... ajuda a implementar em outros lugares.
- Fundamentação correta, exemplos adequados, boa estrutura e fala correta.
- Compreender que outros profissionais da educação passam pelas mesmas situações e estamos todos buscando soluções e alternativas para deixar nossa prática educativa mais inclusiva.
- Trazem estratégias exitosas que os professores entrevistados usaram para incluir os estudantes. Os relatos por meio dos podcasts, vêm numa perspectiva de formação continuada e isso é muito interessante, pois o professor pode ouvir em qualquer lugar e momento.
- Como algumas ações relativamente não complexas, como a experiência do câmpus Gaspar com os materiais em biscuit.
- Perceber como os colegas atuam, suas experiências inovadoras e inspiradoras.
- Primeiramente, o uso de relatos de professores que encontraram casos de transtornos de aprendizagem em suas turmas (apesar de não serem especificamente peritos na área do transtorno, isso dá credibilidade ao relato do podcast). O conteúdo também foi abordado com leveza, sem muita enrolação no assunto, e as vozes foram bem gravadas e estavam nítidas (claras, sem ruídos), o que tornou a audição agradável.
- Descaso ou falta de capacitação dos projetos de infraestrutura para alunos

especiais.

- O relato de práticas inclusivas feitas pelos docentes.
- Muito interessante conter os relatos de projetos que ocorrem em vários campus, e existem muitos projetos interessantes ocorrendo em vários campus.
- O relato dos estudantes sobre o impacto da pesquisa em suas vidas, foi comovente.
- Os exemplos práticos trazidos nos relatos.
- Gostei por tratar o tema de forma clara, e objetiva. Um tema tão atual e importante na educação. Achei o conteúdo muito bom e completo!
- Gostei da forma objetiva como os temas são apresentados.
- Uma pesquisa muito bem feita e bem resumida para o público.
- Parece que alguns relatos não tinham roteiro, diferente das outras partes.
- Achei interessante a entrevista com o aluno sobre capacitismo.
- Relato muito bem elaborado. Conectado com a missão da Instituição e mostrando que as dificuldades fazem parte do processo. Mostrando que os resultados são mais importantes que as dificuldades.
- Inicialmente a identidade visual e as artes. A plataforma escolhida, site e repositório são adequados, facilitando o acesso. A vinheta e as transições foram executadas de forma impecável. A qualidade do áudio, sem ruídos, a clareza nas falas, tudo excelente. A temática, os exemplos práticos compartilhados finalizam e dão relevância ao projeto.
- Mesmo sendo de um dos câmpus onde o trabalho foi realizado, fiquei surpreso com todo conteúdo, excelente.
- Me chamou atenção termos que não sabia que existiam ou até mesmo usava de forma equivocada.
- Gostei muito do podcast 3, sobre capacitismo e terminologias. O depoimento do estudante sobre sua situação foi bem tocante.
- Excelente fundamentação teórica dos podcasts, bem como o contexto introdutório dos podcasts. Além disso, destaco a participação dos estudantes na condição de protagonistas do projeto, nitidamente os requisitos de um projeto de extensão são plenamente atendidos. Por conta disso, compartilhem, divulguem os podcasts. Parabéns!
- O que chamou minha atenção, em especial, foi o fato do projeto possibilitar que os estudantes tanto do ensino médio quanto da graduação assumam o papel de

protagonistas. Ademais, destaco como algo interessante a presença de entrevistas com profissionais que atuam junto ao público-alvo da educação especial e com representantes desse público-alvo no decorrer dos *podcasts*.

- Gostei do nome - caçadores da inclusão; o leque de diversidades inclusivas abordadas.
- Alternativas para aplicar a educação inclusiva em sala de aula.
- Sempre aprendo escutando as pessoas que debatem sobre o assunto. Já mudei atitudes minhas erradas, por exemplo, falar termos: está surdo? fingir demência... etc. O termo capacitista e seu significado. Quando der quero escutar todos - hoje escutei o #003. O relato das experiências do aluno ficou excelente, precisamos conhecer mais histórias e debater mais as práticas inclusiva no IFSC, principalmente para tentar fazer o que as políticas trazem e muitas vezes não são realizadas, como o próprio aluno comenta.

9 - O que mudaria ou sugeriria para ser aperfeiçoado quanto à série de *podcasts*?

- Sugestões: Tenho visto em alguns eventos que os apresentadores se auto descrevem. Para a proposta, pode ser interessante.
- Será que seria interessante também ter um relato dos alunos que vivenciaram essa experiência? (só escutei um).
- Muito bom o conteúdo, sugiro divulgar mais. Não conhecia o projeto até receber este e-mail.
- Eu sugeriria adequar o roteiro do podcast para algo mais natural e descontraído, com interação e diálogo entre duas (ou mais) pessoas concomitantemente (ex. entrevistas síncronas, bate-papos, etc.). Da maneira que está, pelo menos dos episódios que assisti, achei a estrutura um pouco 'rígida' e editada demais. Outra sugestão é proporcionar uma espécie de "quadros interativos", para que não fique sempre na mesma estrutura de contextualização, apresentação de projetos e falas de participantes. Variar o formato de exposição das informações tornaria o podcast mais atrativo.
- Seria mais interessante se as apresentadoras não fizessem a apresentação sustentando-se em uma leitura tão mecânica, poderia ser uma fala mais espontânea.

- Sem ideias no momento.
- mapear mais práticas e disseminá-las para o público alvo.
- Nada.
- Tentar alocar o conteúdo em no máximo 10 min.
- Achei o produto muito bem elaborado.
- A aparência poderia aludir mais ao tema.
- Como sugestão trago a importância de editar o som da voz dos entrevistados para ficar sem ruídos.
- Continuem com o lindo projeto.
- Creio que ficou muito bom, mas uma estratégia (por mais simples que seja) pode ajudar a tornar o podcast mais "íntimo" do ouvinte: não convém realizar as falas (conversa) em forma de leitura (alguns momentos, claramente, ouvia-se pelo ritmo de fala que a pessoa estava lendo um texto). Por menor que possa parecer este detalhe, isso deixa o ouvinte um pouco "distante" do relacionamento que podcast pode estabelecer (que deve ser mais pessoal, de conversa). Creio que maior experiência por parte das pessoas que gravaram, ou mesmo um ensaio antecipado para tornar a comunicação mais leve, pode ser uma estratégia eficiente para melhorar isso.
- Podcasts ainda é uma plataforma de pouca aceitação por algumas faixas etárias, acredito que existam algumas resistências por parte de pessoas especiais e Docentes de áreas que especiais pouco atuam.
- Além do áudio, colocaria imagens para prender um pouco mais a atenção do ouvinte.
- Sem sugestões. Parabéns pelo trabalho.
- Não mudaria nada, ficou ótimo!
- Não mudaria nada.
- Os temas são bem apresentados em tempo adequado. Os efeitos musicais deixam a experiência mais atrativa. Senti falta de no final dos episódios citar fontes para mais informações. No mais, parabéns!
- Foi perguntado sobre o "logo" do podcast: aquela imagem da mão branca pode ser trocada e mantida a arte não realista.
- A abertura do episódio parece anunciar um conteúdo direcionado ao público infantil e me parece muito longa. As músicas no meio do episódio contrastam com falas muitas vezes rápidas demais. Seria salutar trazer sempre exemplos práticos

do que já ocorreu e como se lidou com isso, aprovando ou reprovando o modo de encarar a situação. Afinal, podcast é para ser algo informal, cativante e espontâneo, a impressão gerada é mais a de um texto sendo lido a todo momento. Por fim, o trabalho é um esforço fantástico dos seus criadores e estes pontos não devem soar como críticas que comprometam uma ideia tão necessária e humana para a nossa sociedade.

- Achei tudo ótimo, mas para contribuir, seria legal talvez realizar perguntas de entrevista que direcionem o entrevistado para o foco do assunto, evitando desvios e prolongamento de cada episódio. Parabéns pelo trabalho!
- Achei muito extenso os arquivos de áudio, seria interessante ter no máximo de cinco a seis minutos. Uma sugestão seria dividir em mais arquivos, por exemplo, no episódio de capacitismo a entrevista poderia ser um episódio inteiro.
- Sem sugestões.
- Tenho 3 sugestões: 1) disseminar o conteúdo em outras plataformas, para ampliar a visualização (tenho certeza que teremos outras instituições, docentes e discentes que se inspirarão com a proposta; 2) Utilizar a experiência adquirida e formatar um curso para capacitar docentes e discentes no uso de podcasts como recurso educacional (porque não uma “rádio online” assíncrona nos IF’s??); 3) Ampliar a amostra e investigar o uso de Podcasts em outros países (em um bom programa de Doutorado). Deixo meus parabéns e minha recomendação à autora do projeto / dissertação.
- Acredito que está excelente, parabéns pelo trabalho.
- O conteúdo é ótimo, o veículo de comunicação também. Sugiro apenas que a "velocidade da leitura" do locutor ou fala, seja mais lenta e pausada. Pois, é difícil captar e assimilar as informações na velocidade em que ela foi colocada. Termos novos e novos aprendizados necessitam de mais calma e serenidade ao transmitir o conteúdo.
- Considerando a temática inclusiva dos podcasts, sugiro uma breve apresentação dos envolvidos em cada episódio para poder bem atender os estudantes, servidores, deficientes visuais. Em alguns episódios todos os envolvidos se apresentam ao público ouvinte.
- Eu mudaria a inserção da expressão "amor no coração" na vinheta, visto que ela remete a questões capacitistas.
- Envolver mais as falas e o público PcD do IFSC e sua Comunidade Local

(servidores, estudantes, NAED) ou das Comunidades Inclusivas parceiras com o IFSC (COMDE, APADAVIX, APAE).

- Está muito transparente e eficiente, parabéns.
- Inserção em outras plataformas (YouTube).

ANEXO A - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

KAROLINE GONCALVES NAZARIO - Pesquisador | V3.2.51

Cadastros

Sua sessão expira em: 23min 56

DETALHAR PROJETO DE PESQUISA



- DADOS DA VERSÃO DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: EDUCAÇÃO PROFISSIONAL INCLUSIVA: O PODCAST COMO RECURSO EDUCACIONAL E DISSEMINAÇÃO DE PRÁTICAS INCLUSIVAS
 Pesquisador Responsável: KAROLINE GONCALVES NAZARIO
 Área Temática:
 Versão: 2
 CAAE: 53593621.6.0000.0185
 Submetido em: 27/01/2022
 Instituição Proponente: Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Santa Catarina
 Situação da Versão do Projeto: Aprovado
 Localização atual da Versão do Projeto: Pesquisador Responsável
 Patrocinador Principal: Financiamento Próprio



Comprovante de Recepção: PB_COMPROVANTE_RECEPCAO_160777

+ DOCUMENTOS DO PROJETO DE PESQUISA

+ LISTA DE APRECIÇÕES DO PROJETO

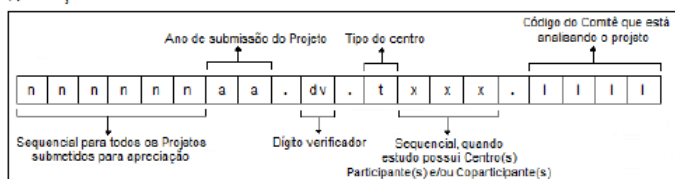
+ HISTÓRICO DE TRÂMITES

LEGENDA:

(*) Apreciação

PO = Projeto Original de Centro Coordenador	POp = Projeto Original de Centro Participante	POc = Projeto Original de Centro Coparticipante
E = Emenda de Centro Coordenador	Ep = Emenda de Centro Participante	Ec = Emenda de Centro Coparticipante
N = Notificação de Centro Coordenador	Np = Notificação de Centro Participante	Nc = Notificação de Centro Coparticipante

(*) Formação do CAAE



Voltar